

# **Adolescentes e acidentes de trabalho. De quem é a culpa?**

**Roberta Nagai**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Saúde Pública.

Área de Concentração: Saúde Ambiental  
Orientador: Prof. Dr. Frida Marina Fischer

São Paulo  
2005

## **AGRADECIMENTOS**

À profa. Dra. Frida Marina Fischer, minha orientadora, pelo incentivo e pelas discussões que contribuem para a minha formação acadêmica.

À profa. Dra. Isabel Maria Teixeira Bicudo pelo apoio na elaboração e no desenvolvimento deste trabalho.

Aos professores Dr. Fernando Lefèvre e Ana Maria Cavalcanti Lefèvre pelo auxílio na análise dos dados.

À Liliane Reis Texeira, Josiane Steluti, Lílian Cardoso de Souza e Nilson Soares pelo auxílio no trabalho de campo e transcrição das fitas.

Aos adolescentes, que são a inspiração desta dissertação e aos que participaram deste estudo.

À direção, aos professores e funcionários da Escola Estadual Fernão Dias Paes, pelo apoio, colaboração e compreensão.

A todos que colaboraram na realização deste trabalho, direta ou indiretamente, meus sinceros agradecimentos.

## **DEDICATÓRIA**

**À minha família  
Que auxiliou na concretização dos meus sonhos**

## INDICE

1. Introdução	1
1.1. Promoção à saúde	1
1.2. Adolescência e o trabalho dos jovens	2
1.3. Dados demográficos do trabalho de adolescentes	7
1.4. Acidentes de trabalho	8
1.5. Percepção do risco	10
2. Justificativa	11
3. Objetivos	11
3.1. Objetivo geral	11
3.2. Objetivos específicos	11
4. Metodologia	12
4.1. População participante	12
4.2. Estratégias metodológicas	12
4.3.1. Etapas da coleta de dados	13
4.4. Análise dos dados	19
4.4.1. Representações sociais	19
4.4.2. Análise das entrevistas	21
4.5. Dificuldades encontradas na coleta de dados	23
5. Resultados	24
5.1. Resultados quantitativos	24
5.2. Discurso do sujeito coletivo	41
6. Discussão	52
6.1. Sobre a metodologia	52
6.1. Trabalho de adolescentes	52
6.2. Acidentes de trabalho	54
6.3. Percepção sobre o risco de sofrer acidentes de trabalho	55
6.3.1. Segurança do local de trabalho	55
6.3.2. Culpa do trabalhador	56
6.3.3. Azar do funcionário	59
6.3.4. Falta de treinamento de trabalho	60

6.3.4. Equipamentos de segurança	61
6.3.6. Nunca pensou no assunto	62
6.3.7. Gerenciamento do risco de promoção da saúde	62
7. Conclusão	64
8. Referências bibliográficas	65

## **ANEXOS**

ANEXO 1 – Termo de consentimento livre e esclarecido

ANEXO 2 – Questionário de caracterização das condições de vida e trabalho dos adolescentes

ANEXO 3 – Questionário de caracterização das condições de trabalho dos adolescentes

ANEXO 4 – Roteiro de entrevista

## **INDICE DAS TABELAS**

Tabela 1 – Distribuição dos participantes segundo série de alunos matriculados no ensino médio no Colégio Fernão Dias Paes. São Paulo, 2003. 13

Tabela 2 – Distribuição segundo série das causas de perdas de alunos matriculados na terceira série do ensino médio no Colégio Fernão Dias Paes. São Paulo, 2002. 15

## **INDICE DOS QUADROS**

Quadro 1 – Número e porcentagens das idéias centrais dos adolescentes sobre a opinião quanto à segurança no seu local de trabalho. 23

Quadro 2 – Número e porcentagens das idéias centrais dos adolescentes com experiência no mercado de trabalho (C EXP) e sem experiência no mercado de trabalho (S EXP) sobre a opinião quanto à segurança no seu local de trabalho. 24

Quadro 3 – Número e porcentagens das idéias centrais dos adolescentes com experiência no mercado de trabalho que nunca sofreram acidentes de trabalho (C EXP NAT), que já sofreram acidente de trabalho (C EXP AT) e sem experiência no mercado de trabalho (S EXP) sobre a opinião à segurança no seu local de trabalho.	27
Quadro 4 – Número e porcentagens das idéias centrais dos adolescentes sobre a opinião do porque ocorrem acidentes de trabalho.	29
Quadro 5 – Número e porcentagens das idéias centrais dos adolescentes com experiência no mercado de trabalho (C EXP) e sem experiência no mercado de trabalho (S EXP) sobre a opinião do porque ocorrem acidentes de trabalho.	30
Quadro 6 – Número e porcentagens das idéias centrais dos adolescentes com experiência no mercado de trabalho que nunca sofreram acidentes de trabalho (C EXP NAT), que já sofreram acidentes de trabalho (C EXP AT) e sem experiência no mercado de trabalho (S EXP) sobre a opinião do porque ocorrem acidentes de trabalho.	33
Quadro 7 – Número e porcentagens das idéias centrais dos adolescentes sobre a opinião do que fazem para evitar os acidentes de trabalho.	35
Quadro 8 – Número e porcentagens das idéias centrais dos adolescentes com experiência no mercado de trabalho (C EXP) e sem experiência no mercado de trabalho (S EXP) sobre a opinião do que fazem para evitar os riscos presentes no ambiente de trabalho.	36
Quadro 9 – Número e porcentagens das idéias centrais dos adolescentes com experiência no mercado de trabalho que nunca sofreram acidentes de trabalho (C EXP NAT), que já sofreram acidente de trabalho (C EXP AT) e sem experiência no mercado de trabalho ( S EXP) sobre a opinião do que fazem para evitar os riscos presentes no ambiente de trabalho.	39

## INDICES DAS FIGURAS

- Figura 1 – Porcentagem das idéias centrais dos adolescentes com experiência no mercado de trabalho (C EXP) e sem experiência no mercado de trabalho (S EXP) sobre a opinião quanto à segurança no seu local de trabalho. 25
- Figura 2 – Porcentagens das idéias centrais dos adolescentes com experiência no mercado de trabalho que nunca sofreram acidentes de trabalho (C EXP NAT), que já sofreram acidentes de trabalho (C EXP AST) e sem experiência no mercado de trabalho (S EXP) sobre a opinião quanto à segurança no seu local de trabalho. 28
- Figura 3 – Porcentagens idéias centras dos adolescentes com experiência no mercado de trabalho (C EXP) e sem experiência no mercado de trabalho (S EXP) sobre a opinião do porque ocorrem acidentes de trabalho. 31
- Figura 4 – Porcentagens idéias centrais dos adolescentes com experiência no mercado de trabalho que nunca sofreram acidentes de trabalho (C EXP NAT), que já sofreram acidente de trabalho (C EXP AT) e sem experiência no mercado de trabalho (S EXP) sobre a opinião do porque ocorrem acidentes de trabalho. 34
- Figura 5 – Porcentagens idéias centrais dos adolescentes com experiência no mercado de trabalho (C EXP) e sem experiência no mercado de trabalho (S EXP) sobre a opinião do que fazem para evitar os riscos presentes no ambiente de trabalho. 37
- Figura 6 – Porcentagens idéias centrais dos adolescentes com experiência no mercado de trabalho que nunca sofreram acidentes de trabalho (C EXP NAT), que já sofreram acidente de trabalho (C EXP AT) e sem experiência no mercado de trabalho (S EXP) sobre a opinião do que fazem para evitar os riscos presentes no ambiente de trabalho. 40

## SUMMARY

It's the aim of this study to evaluate knowledge and practices adopted by students with job experience and without job experience to prevent work injuries. High school students, age bracket 14-21 years old, from a public school of São Paulo were invited to participate. Three hundred and eighty students answered a comprehensive questionnaire about demographic data and work status (adolescents with job experience – current working or unemployed, and adolescents without job experience – non workers).

Those with and without job experience were interviewed (32 and 21 adolescents respectively). During the interviews they were asked about perception of job risks and injury prevention practices. All interviews were recorded and transcript. Analysis were performed using the software “Quali-quant”. This software allowed to build a collective discourse of the central ideas.

The perception of adolescents on safety in their workplace were different according to their job experience: the workplace is safe to 38,5% [with job experience – w] and 68,3% [without job experience – wth]. The workplace is unsafe due to physical, chemical or biological environment [41,0% (w) and 22,7% (wth)], organizational issues [12,8% (w) and 4,5%(wth)] and employee carelessness [5,1% (w) and 4,5% (wth). 2,6% of adolescents with job experience don't think on this subject.

Adolescents with job experience reported that work injuries are due to: employee carelessness (45,7%), employer irresponsibility (26,1%), bad luck of the employee (13,0%), lack of training (6,5%), unsafe workplaces (6,5%) or never thought about this subject (2,2%). Adolescents without job experience said injuries at work are due: employee carelessness (59,1%) or/and employer irresponsibility (22,7%); 18,2% never thought about this subject.

Regarding the question “What would you do to protect yourself against work injuries?” adolescents with and without work experience respectively reported: they would pay attention to what they are doing (28,6% and 50,0%), would wear personal safety equipment (14,3% and 13,0%), avoid to come close to risky areas (8,5% and 6,0%), would do nothing (34,4% and 9,0%) or never thought on this subject (14,3% and 22,0%).



Comparing those who suffered (suf) or not (nsuf) work injuries, inquiries about their safety in workplace were reported: 35,3% (suf) and 40,9% (nsuf) think the workplace is safe, 64,7% (suf) and 54,6% (nsuf) think the workplace is unsafe due to: physical, chemical or biological environment [47,0% (suf) and 36,5% (nsuf)], organizational issues [11,8% (suf) and 13,6% (nsuf)] and workplace is unsafe due to employee carelessness [5,9% (suf) and 4,5% (nsuf)]. Nobody think on this subject 4,5% of those who suffered work injuries.

Comparing those who suffered (suf) or not (nsuf) work injuries, inquiries about injury causes, were reported: employee carelessness [13,6% (suf) and 37,5% (nsuf)], employer irresponsibility [13,6% (suf) and 12,5% (nsuf)], bad luck of the employee [54,5% (suf) and 37,5% (nsuf)], lack of training [9,1% (suf) and 4,2% (nsuf)], unsafe workplaces (reported by 4,6% of adolescents who suffered work injuries) or never thought about this subject [8,3% (suf) and 4,6% (nsuf)].

Regarding the question "What would you do to protect yourself against work injuries" adolescents who suffered work injuries or not reported: they would pay attention to what they are doing [38,9% (suf) and 16,7% (nsuf)], would wear personal safety equipment [11,1% (suf) and 16,7% (nsuf)], avoid to come close to risky areas [11,1% (suf) and 5,5% (nsuf)], avoid to make physical effort outside the job (reported by 5,5% of the adolescents who suffered work injuries), would do nothing [27,9% (suf) and 38,9% (nsuf)] or never thought on this subject [5,5% (suf) and 22,2% (nsuf)].

Adolescents with job experience were able to build a richer and robust than those without job experience. However, these two groups showed a lack of knowledge about occupational hazards and methods of injury prevention.

## RESUMO

É objetivo desse estudo avaliar conhecimentos e práticas adotados por estudantes adolescentes trabalhadores e não trabalhadores na prevenção de riscos no trabalho. Os participantes foram alunos do Ensino Médio da rede estadual de ensino, do período noturno, no município de São Paulo. Foram convidados a participar da pesquisa todos os adolescentes dentro da faixa etária de 14-21 anos. Trezentos e oitenta estudantes responderam ao questionário de condições de vida a fim de obter informações sobre dados sócio-demográficos e atividade funcional (adolescentes com experiência no mercado de trabalho – trabalhadores e desempregados; e adolescentes sem experiência no mercado de trabalho – não trabalhadores). Em seguida, os adolescentes com experiência no mercado de trabalho (84%) responderam a um questionário com questões sobre condições de trabalho e acidentes de trabalho.

Na etapa seguinte, 32 adolescentes com experiência no mercado de trabalho e 21 adolescentes sem experiência no mercado de trabalho foram entrevistados. Nas entrevistas os estudantes foram questionados sobre conhecimentos e práticas adotados na prática de prevenção de riscos no trabalho. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas. As análises foram feitas utilizando-se o software “Qualiquanti”. Através desse software foi possível a construção dos discursos do sujeito coletivo.

A percepção dos adolescentes sobre a segurança no local de trabalho é diferente de acordo com a experiência de trabalho: o ambiente de trabalho seguro para 38,5% adolescentes com experiência de trabalho (cexp) e para 68,3% o ambiente de trabalho seria inseguro (sexp). Entre os que consideram o ambiente de trabalho inseguro, 41,0% (cexp) e 22,7% (sexp) consideram inseguro devido ao ambiente físico, químico e biológico, 12,8% (cexp) e 4,5% (sexp) consideram inseguro devido às questões organizacionais; 5,1% (cexp) e 4,5% (sexp) consideram inseguro devido à falta de cuidados dos trabalhadores. Nunca pensaram nesse assunto 2,6% dos adolescentes com experiência no mercado de trabalho.

Em relação às causas de acidente de trabalho, os adolescentes com experiência no mercado de trabalho relataram que acidentes de trabalho ocorrem devido a: falta de cuidados do trabalhador (45,7%), irresponsabilidade do patrão (26,1%), falta de sorte do empregado (13,0%), falta de treinamento (6,5%), ambiente de trabalho inseguro (6,5%) ou nunca pensou nesse assunto (2,2%). Os adolescentes sem experiência no mercado de trabalho relataram que acidentes de trabalho ocorrem devido a: falta de cuidados do empregado (59,1%), irresponsabilidade do patrão (22,7%); 18,2% nunca pensou no assunto.

Em relação à questão “O que você faz pra evitar que ocorram acidentes de trabalho com você?”, os adolescentes com e sem experiência no mercado de trabalho relataram que: prestam (prestariam) atenção no que estão fazendo [28,6% (cexp) e 50,0% (sexp)], usam (usariam) equipamentos de segurança [14,3% (cexp) e 13,0% (sexp)], evitam (evitariam) chegar perto das áreas de risco [8,5% (cexp) e 6,0% (sexp)], não fazem (fariam) nada [34,4% (cexp) e 9,0% (sexp)] ou nunca pensaram no assunto [14,3% (cexp) e 22,0% (sexp)].

Comparando os adolescentes que sofreram acidentes de trabalho (suf) e não sofreram acidentes de trabalho (nsuf), quando questionados sobre a segurança no local de trabalho, 35,3% (suf) e 40,9% (nsuf) acreditam que o local de trabalho é seguro. Entre os que acreditam que o local de trabalho é inseguro: 47,0 (suf) e 36,5% (nsuf) acreditam que é devido ao ambiente físico, químico e biológico, 11,8% (suf) e 13,6 (nsuf) problemas organizacionais, 5,9 (suf) e 4,5% (nsuf) descuido do funcionário. Ninguém se preocupa com esse assunto 4,5% dos adolescentes que já sofreram acidentes de trabalho.

Sobre as causas dos acidentes de trabalho os adolescentes que sofreram acidentes de trabalho e não sofreram relataram que os acidentes de trabalho ocorrem devido a: descuido do funcionário [13,6% (suf) e 37,5% (nsuf)], irresponsabilidade do patrão [13,6% (suf) e 12,5% (nsuf)], falta de sorte do funcionário [54,5% (suf) e 37,5% (nsuf)], falta de treinamento [9,1% (suf) e 4,2% (nsuf)], ambiente de trabalho inseguro (relatado por 4,6% dos adolescentes que sofreram acidente de trabalho) ou nunca pensaram no assunto [8,3% (suf) e 4,6% (nsuf)].

Em relação à questão “O que você faz para evitar que ocorram acidentes de trabalho com você?”, os adolescentes que sofreram acidentes de trabalho e não sofreram acidentes

de trabalho relataram que: prestam atenção no trabalho [38,9% (suf) e 16,7% (nsuf)], usam equipamento de segurança [11,1% (suf) e 16,7% (nsuf)], evitam chegar perto das áreas de risco [11,1% (suf) e 5,5% (nsuf)], evitam fazer esforço físico fora do (relatado por 5,5% dos adolescentes que sofreram acidentes de trabalho), não fazem nada [27,9% (suf) e 38,9% (nsuf)] ou nunca pensaram no assunto [5,5% (suf) e 22,2% (nsuf)].

Os resultados mostraram que os adolescentes com experiência no mercado de trabalho são capazes de contruir um discurso mais rico e robusto do que os adolescentes sem experiência no mercado de trabalho. Entretanto, os adolescentes dos dois grupos estudados mostraram ter pouco conhecimento sobre riscos ocupacionais e métodos de prevenção. É necessário incluir no currículo das escolas, programas de saúde dos trabalhadores, para que os adolescentes possam conhecer os direitos e riscos no trabalho, além dos métodos de prevenção.

## **1. INTRODUÇÃO**

### **1.1. Promoção à saúde**

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (1998), promoção da Saúde é um processo de capacitação, que tem como objetivo melhorar a saúde das pessoas. Representa um processo social e político, que foca o desenvolvimento das habilidades de cada indivíduo, através de ações que visam mudanças sociais, ambientais e econômicas.

Buss (2000) conceitua promoção da saúde associando-a a um conjunto de valores, como qualidade de vida, saúde, solidariedade, participação e parceria, entre outros. Refere-se também à combinação de estratégias: ações do Estado (políticas públicas saudáveis), da comunidade (reforço da ação comunitária), de indivíduos (desenvolvimento de habilidades pessoais), do sistema de saúde (reorientação da ação comunitária), e de parcerias intersetoriais. Portanto, entende-se por promoção a saúde uma combinação de apoios educacionais e ambientais que visam atingir ações e condições de vida conducentes à saúde (Pereira *et al*; 2000).

Programas de promoção da saúde nas escolas têm feito parte de muitos projetos desde a década de 90. Trata-se de um conjunto de atividades que requer motivação contínua para que o comportamento saudável do jovem seja consequência de sua rotina saudável (Mechanic, 1999). Esse é um processo gradativo que visa modificar certos fatores que influenciam o comportamento, como fatores individuais (temperamento impulsivo, influencia de hormônios, tornando-os mais agressivos, etc...), fatores sociais, além de crenças e valores pessoais (Pan American Health Organization, 2005). Dessa forma, programas de promoção da saúde procuram desenvolver nas crianças e adolescentes habilidades, integração com serviços de saúde, aproximação com os pais, entre outros (Leger, 1999).

Nas escolas e no trabalho, programas de promoção da saúde procuram mostrar aos jovens os riscos que o trabalho precoce proporciona, além dos problemas que poderão causar futuramente, enfatizando a necessidade de se estudar medidas de saúde mental e saúde no trabalho em adolescentes (Baker e Green, 1991). Além disso, os esforços direcionados aos programas de promoção da saúde também proporcionam rendimentos escolares mais satisfatórios, tornando o aprendizado mais rápido e melhor compreendido pelos estudantes (Leger, 1999; Mechanic, 1999; Elias e Weissberg, 2000). Esses programas podem também auxiliá-los a selecionar o tipo de trabalho para o qual se inclinam (seleção vocacional ou profissional) e dar-lhes apoio, incentivo e orientação, através de um treinamento constante e estimulante, para que se tornem mais bem preparados em seu campo de atividade (Mielnik, 1987).

Exemplos de programas de promoção da saúde em São Paulo (Brasil), destinados aos jovens vem sendo desenvolvidos pela prefeitura de São Paulo e outras entidades. O programa Bolsa-

Escola é um programa, destinado a jovens desempregados com idade entre 16 e 20 anos. Esse Programa é vinculado à Prefeitura do Estado de São Paulo (criado através da Lei nº 13.163, de 05/07/2001) e possui vários objetivos: oferecer meios para que os jovens de baixa renda possam continuar vinculados à rede escolar; propiciar aos beneficiários uma capacitação adicional - não necessariamente dirigida ao mercado de trabalho, embora os cursos criem condições mais favoráveis para tanto; potencializar a integração dos jovens aos seus bairros, através do desenvolvimento de atividades comunitárias e de (re)conhecimento dos distritos onde residem e melhorar as condições para vida dos jovens e de seu grupo familiar. Os bolsistas recebem capacitação cidadã e participam de atividades comunitárias, para não precisar trabalhar enquanto estudam. Recebem ainda uma bolsa mensal de 45% do salário mínimo nacional mais auxílio-transporte e seguro de vida por um período mínimo de seis meses e no máximo de 2 anos (Prefeitura de São Paulo, 2005).

Outro programa é a “Empresa amiga da escola”. Criado pela Fundação Abrinq em 1995, que se baseia em uma estratégia de mobilização de empresas na defesa dos direitos da criança por meio da concessão de um selo social. É um comprometimento da empresa em relação aos temas relacionados ao combate ao trabalho infantil, educação, saúde, direitos civis e investimento na criança. O cumprimento da legislação deve ser investigado pelos próprios funcionários, clientes e fornecedores. A legislação e os direitos trabalhistas são fixados no ambiente de trabalho, tornando-se de conhecimento de todos (Fundação Abrinq, 2005).

## **1.2. Adolescência e o trabalho dos jovens**

Para a Organização Mundial de Saúde (OMS) são “considerados adolescentes todos aqueles que estão na faixa etária compreendida entre 10 e 20 anos” (OPAS,1990). Contudo, a Lei nº 8.069 de 13/07/90, que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, em seu Artigo 2 do Título 1 – Das Disposições Preliminares, considera adolescente a pessoa entre 12 e 18 anos de idade.

A adolescência é uma etapa do desenvolvimento humano que pode ser caracterizada por profundas transformações físicas, emocionais e cognitivas. É um período complexo, que apresenta uma série de questões, que devem ser satisfatoriamente conduzidas, para se alcançar uma vida adulta saudável (Minayo-Gomez e Meirelles, 1997). Esta fase é parte de um processo de amadurecimento e intenso aprendizado de vida. Caso não seja bem sucedida, pode predispor a problemas de ordem social, psicológica e física; entre eles depressão, sensação de solidão, pessimismo e baixa auto-estima. Estes problemas podem levar o adolescente a pensamentos negativos contra si, e acarretar problemas futuros relacionados ao bem-estar físico e mental (Roberts *et al.*, 1998).

Como parte dessas transformações psicossociais e da busca incessante de sua identidade, o adolescente normalmente passa a se interessar pelo trabalho, componente indispensável à vida humana. As possibilidades profissionais começam a ser exploradas e o indivíduo prepara-se para ingressar na força de trabalho (Fitzgerald e Laidlaw, 1995). O trabalho, portanto, estaria relacionado com a sua maturidade e a emancipação econômica (Mielnik, 1987), um direito simbólico da passagem para a vida adulta (Shanahan, *et.al.*, 1996).

A definição de trabalho infantil pode variar segundo o autor. De acordo com Sarti (1999), trabalho infantil é aquele desenvolvido por pessoas até 14 anos de idade, e o trabalho do adolescente, de 15 a 18 anos, sendo ambos agregados na categoria de trabalho infanto-juvenil. Segundo a Organização Internacional do Trabalho (Forastieri, 1997), o termo “trabalho infantil” é definido de uma forma mais completa: “abrange todas as atividades econômicas desenvolvidas por pessoas com menos de 15 anos de idade, independente de seu status ocupacional (empregados, autônomos, trabalhadores que exercem suas atividades junto à família e não são remunerados). Ainda segundo este autor, o trabalho infantil não incluiria as atividades realizadas no âmbito doméstico pelas crianças e adolescentes nas suas residências, exceto onde o trabalho pode ser assimilado como uma atividade econômica, como por exemplo, crianças que ajudam no trabalho de seus pais e necessitam devotar tempo integral a este trabalho”. Isto impediria as crianças de frequentarem regularmente a escola. A OIT estipulou na “Convenção da Idade Mínima” para o Trabalho (número 138, de 1973), que a criança deveria ter pelo menos de 12 ou 13 anos de idade para iniciar-se no trabalho. Entretanto, é recomendado que esta idade mínima seja maior (15 anos) e que o menor tenha completado a escolaridade obrigatória. Atividades perigosas, insalubres, e que atentam aos princípios morais não devem ser realizadas por menores de 18 anos (OIT, 2003).

O trabalho é proibido no Brasil para crianças e adolescentes até os 14 anos de idade. Dos 14 aos 16 anos, o trabalho é permitido apenas na condição de aprendiz. Ou seja, o adolescente deve ser orientado e deve frequentar a escola regularmente. A partir dos 16 anos, o trabalho é permitido, desde que respeitadas as leis trabalhistas e proibições como não poder trabalhar à noite ou em atividades perigosas ou insalubres. A partir dessa idade, o trabalho dos adolescentes como aprendiz tem sido legitimado, mas frequentemente prevalece o aspecto produtivo sobre o educativo, além de nem sempre haver condições apropriadas de saúde e segurança no trabalho (Fischer *et al.*, 2003 b). Os adolescentes trabalhadores, usualmente, desconhecem seus direitos trabalhistas, submetendo-se a situações arriscadas, insalubres e inadequadas, a salários aviltantes, trabalhando horas-extras, não se protegendo adequadamente dos riscos e das péssimas condições de trabalho em geral (Parker, 1997; Fischer *et al.*, 2003). Uma pesquisa realizada pelo “Fundo das Nações Unidas para a Infância” (UNICEF, 2002) mostrou que quando os adolescentes

trabalhadores desconhecem essas informações. Quando questionados sobre a idade estabelecida por lei para o ingresso no trabalho, 48% não souberam responder, enquanto 18% disseram que a idade mínima era 16 anos. Outros 19% responderam que somente aos 18 anos.

No Brasil é de consenso geral que muitas leis não são cumpridas, particularmente quando se trata das crianças e adolescentes pertencentes às classes sociais menos favorecidas economicamente. Como os custos para pagar encargos trabalhistas são elevados, os empregadores são desestimulados a contratar trabalhadores de forma legal e assim o emprego com todos os seus direitos, vira uma abstração (Santana, 2003a). Dessa forma, grande parte da população trabalhadora, particularmente a que executa trabalhos que são essenciais, mas mesmo assim são considerados menos nobres, é desqualificada, não registrada, alternando empregos temporários com fixos, dependendo da existência das necessidades regionais. Exemplos desta situação são os trabalhadores da construção civil, da coleta de lixo e empregados domésticos (Robazzi, *et.al.*, 1996). Dessa forma, a mão de obra infanto-juvenil é freqüentemente explorada de forma inescrupulosa, tirando o jovem da escola e transformando-a em mão de obra barata. Alega-se que há alternativas do estudo noturno, mas este se torna insatisfatório, pois o rendimento é inferior, já que o jovem chega à escola cansado demais para aprender (Fischer *et al.*, 2003 b).

Diversos estudos mostram que a maioria dos adolescentes exerce algum tipo de trabalho antes de terminarem o Ensino Médio (Runyan e Zakocs, 2000). Como resultado, ficam expostos a uma variedade de experiências, positivas ou não para o seu desenvolvimento físico, mental e bem estar, podendo ter conseqüências (negativas e ou positivas) ao seu completo desenvolvimento (Nath e Hadi, 2000).

Trabalhar será positivo se contribuir para o crescimento do adolescente como pessoa ou cidadão, incorporando sentimentos de auto-estima e realização à sua personalidade e desde que compatível e equilibrado com seu potencial energético (Forastieri, 1997). Além disso, o trabalho desenvolve o senso de responsabilidade e do trabalho em equipe, o aprimoramento de qualificações e habilidades; as oportunidades de iniciar-se em carreiras e o avanço econômico (Dunn et al, 1998; Fitzgerald e Laidlaw, 1995). Além disso, o trabalho faz com que o adolescente tenha uma identidade familiar, sexual e laboral, que lhe permite exercer um papel dentro da sociedade. Esta identidade é a imagem que o sujeito tem dele mesmo e dos vários papéis sociais que venha desempenhar. Essa é uma construção vivenciada e potencializada com o conjunto de condições de vida sociais.

Por outro lado, trabalhar será negativo quando interferir nas atividades acadêmicas, sociais e lúdicas, em função das longas jornadas de trabalho, antes ou depois da escola, inclusive aos fins de semana (Fitzgerald e Laidlaw, 1995). Estudos mostram que apenas uma pequena minoria da



população de menos de 17 anos tem uma experiência enriquecedora no mercado de trabalho, de oportunidades futuras: trabalhar significa mais uma estratégia pessoal ou familiar de sobrevivência do que uma iniciação que pode abrir as portas para bons empregos do mercado de trabalho no futuro (Oliveira e Robazzi, 2001). O convívio generalizado com o subemprego, desemprego, rotatividade, condições precárias de trabalho, aliado a poucas oportunidades de aprendizado e treinamento, socializa a maioria dos menores para as piores atividades do mercado de trabalho e impõe barreiras adicionais para o acesso aos bons empregos (Oliveira e Robazzi, 2001). Além disso, o trabalho pode provocar fadiga, isolamento dos jovens dos seus pares e familiares, e também atraso escolar (Oliveira, et al, 2003; Fischer *et al.*, 2003 b). Estudos mostram que jovens estudantes que enfrentam longas jornadas de trabalho (mais de 20 horas semanais), apresentam maiores índices de fadiga do que aqueles que não trabalham, além de estar associado ao aumento do hábito de fumar e ingestão de bebidas alcoólicas (Fitzgerald e Laidlaw, 1995). Os resultados do Ensino Nacional do Ensino Médio de 2004 (Ministério da Educação, 2004) mostraram que 44% dos adolescentes trabalhavam durante o ensino médio (em 2003, 38% dos adolescentes trabalhavam, Ministério da Educação, 2003). A jornada de trabalho desses adolescentes era: 25,9% trabalhavam mais do que 40 horas semanais; 18,3% trabalhavam de 20 a 40 horas, 11,6% trabalhavam de 21 a 30 horas semanais, 13,2% de 11 a 20 horas, 16,5% abaixo de 10 horas.

Também fazem parte da lista de agravos à saúde a falta de experiência profissional e a inadequada supervisão para executar tarefas perigosas que envolvem riscos à vida e que podem levar à ocorrência de acidentes de trabalho. (Fischer *et al.*, 2003 a, b; Weller *et al.*, 2003, Cooper *et al.*, 1999). Além disso, alguns problemas de saúde são latentes só aparecendo depois de alguns anos, podendo surgir na fase adulta de forma irreversível.

As conseqüências do trabalho infantil não se limitam ao universo dos jovens. Devido ao fato do trabalho infantil ser usualmente mais barato que o de adultos trabalhadores, quanto maior a prevalência de crianças e adolescentes integrados à força de trabalho, menores serão os salários dos adultos, menores serão os incentivos a mudanças tecnológicas para melhorar a segurança e conforto no trabalho (Richter e Jacobs, 1991). Segundo estes autores, há situações que se assemelham entre os países onde há grande número de menores trabalhando: é baixo o produto nacional bruto per capita é baixo, e igualmente baixo é o índice de escolaridade no nível médio. Desta forma, grupos de jovens sem escolarização e treinamento adequados são freqüentemente encontrados submetendo-se a difíceis, perigosas e extenuantes jornadas de trabalho, mesmo recebendo baixo pagamento.

Publicação do National Institute for Occupational Health dos Estados Unidos (NIOSH, 1997) dedicada ao trabalho infantil e do adolescente, descreve os principais fatores de risco de natureza

física, fisiológica e psicossocial que atingem os trabalhadores. Os fatores de natureza física e fisiológica compreendem, principalmente, as dimensões antropométricas e ainda, exposição a agentes físicos e químicos, necessidades de sono, susceptibilidade a acidentes e doenças. Assim, o adolescente pode estar exposto a tarefas para as quais não está preparado, tanto pelos aspectos físicos, como emocionais e cognitivos envolvidos. Também fazem parte da lista de agravos à saúde, entre outros, a falta de experiência no trabalho, a inadequada supervisão, a necessidade para executar tarefas perigosas que envolvem riscos à vida, o inadequado conhecimento sobre os riscos do trabalho. Somam-se a estes riscos, os débitos acumulados de sono decorrentes das atividades de trabalho e estudo. O débito agudo de sono (como privação de sono por uma noite) gera nível elevado de sonolência durante o dia, momentos de desatenção, curtos episódios de sono que passam despercebidos, queda no desempenho e alterações dos estados de ânimo (Teixeira *et al.*, 2004; Carskadon, 1990).

As discussões a respeito do trabalho da criança e do adolescente no Brasil têm se dado tanto no meio acadêmico como nos veículos de comunicação de massa. Várias denúncias sobre emprego de mão de obra infantil em atividades degradantes foram a público nos últimos anos. Estas são atividades que exigem grande esforço físico, e cujas conseqüências são reconhecidamente prejudiciais aos adolescentes e adultos. Na área urbana é freqüente encontrar adolescentes trabalhando em serviços tais como os de “office-boys”, guardadores de carros, ajudantes em supermercados, como balconistas em lojas, padarias, oficinas mecânicas, borracharias, babás, empregadas domésticas, auxiliar de escritório etc... Segundo o IPEA, citado por Athias, em 1998, havia cerca de 800 mil meninas entre 10 e 17 anos trabalhando como domésticas no País. Nas ruas das grandes cidades, essas crianças e adolescentes são vistos com freqüência trabalhando como vendedores catadores de lixo (papel, vidro, latas), pedindo esmola nas ruas, guardadores de veículos, etc...

Nos serviços domésticos, o uso de mão-de-obra infantil é comum e bem aceita no País, como auxiliares domésticos realizando pesadas tarefas, por longas horas, e com vencimentos muito baixos ou ausentes (Abreu, 2002). O livro editado pela OIT (Bequele e Myers, 1995), traz interessantes relatos e recomendações sobre formas de abordagem do problema e como reforçar comportamentos das comunidades e sociedades contra as formas degradantes e exploradoras do trabalho infantil. Estes e outros autores chamam a atenção para a invisibilidade do trabalho infantil, especialmente o agrícola, o serviço doméstico e o realizado nos setores urbanos informais. Segundo a OIT, é essencial o desenvolvimento de ações e formas de agir que permitam descobrir onde e como estão trabalhando as crianças. A invisibilidade não traz apenas maiores riscos à qualidade de vida, como perpetua a ilegalidade do trabalho infantil.

### **1.3. Dados demográficos do trabalho de adolescentes**

O “Fundo das Nações Unidas para a Infância” (UNICEF, 2002) realizou uma pesquisa com 5.044 milhões de adolescentes de 12 a 17 anos de idade, em 27 diferentes unidades federativas do Brasil. Entre os adolescentes entrevistados, 84,4% relataram não trabalhar e 12,2% relataram trabalhar, o que significa 504 mil adolescentes trabalhadores.

O número de crianças e adolescentes que trabalham no mundo oscila ao redor de 200 milhões. Dados de organizações internacionais, especialmente a Organização Internacional do Trabalho (OIT, 2003) revelam que o trabalho infantil é mais freqüente na zona rural, do que na urbana. Estão as crianças e adolescentes mais ocupados em pequenas unidades de produção do setor urbano não estruturado, e do setor rural, como empregados em domicílios particulares, ou auxiliando na economia doméstica, com seus familiares. Os países pobres e aqueles com economias em transições de mercado, como as da Europa Oriental, usam maior percentual de mão de obra infantil e adolescente, do que os países desenvolvidos (Forastieri, 1997). Considerando a faixa etária entre 5 e 14 anos, a Ásia tem cerca de 61% das crianças e adolescentes que trabalham, seguida pela África com 32%, e América Latina com 7%. Em termos relativos África tem a mais elevada incidência com 40%.

O IBGE, através de pesquisa nacional por amostra de domicílios realizada em 2000 (Ministério do Planejamento, 2003) revelou que 49,24% das crianças e adolescentes brasileiros de 10 a 18 anos de idade trabalhavam. Em relação à distribuição dessas crianças e adolescentes por local de trabalho, 35,2% trabalhavam em loja, oficina ou fábrica, enquanto que outras 34,5% trabalhava em fazenda, sítio ou granja. As demais pessoas se distribuíam em atividades no domicílio do empregador (9,5%), no domicílio de moradia (5,2%) ou em via ou área pública (5,1%).

Em relação à situação educacional, os dados dessa mesma pesquisa mostraram que no Brasil, em 2002, 75% das crianças e adolescentes de 10 a 17 anos de idade apenas estudavam, enquanto outras 15,3% trabalhavam e estudavam, o que indicava uma freqüência de 91%. As crianças e adolescentes de 10 a 17 anos de idade ocupadas, que deveriam estar freqüentando o ensino fundamental e médio, apresentaram uma taxa de defasagem escolar de 68,6%. Essa taxa entre os não trabalhadores foi de 45,8%.

Vieira (2001), mostrou a grande importância dos jovens na formação da população economicamente ativa no Brasil. Segundo a autora, os jovens entre 15 e 24 representam uma fração significativa da mão-de-obra brasileira, representando, 63% da população economicamente ativa (PEA) no Brasil. Neste estudo, constatou-se que a média de horas trabalhadas pelos jovens, não é

muito diferente da média encontrada para os adultos (43 horas semanais) e que as funções são semelhantes. Entretanto, o rendimento é inferior, sendo em média 40% inferior ao rendimento dos adultos (jovens de 15 a 19 anos).

#### **1.4. Acidentes de trabalho**

De acordo com Lima e Assunção (2000) acidente de trabalho é definido como casual, fortuito, imprevisto, desastre ou desgraça. São caracterizados por uma interrupção ou alteração do fluxo normal de uma atividade ou processo, de formas inesperadas, imprevisíveis ou improváveis.

Segundo a legislação previdenciária brasileira, acidente de trabalho é o que ocorre pelo exercício do trabalho a serviço da empresa, provocando lesão corporal ou perturbação funcional que cause morte, ou perda, ou redução (permanente ou temporária) da capacidade para o trabalho. São também considerados acidentes de trabalho os que ocorrem no trajeto da residência para o trabalho e vice e versa (Ministério do Trabalho e Emprego, 2001).

Para estudar a determinação dos acidentes de trabalho torna-se necessário conhecer os riscos ocupacionais. A interação múltipla e dinâmica entre o objeto de trabalho (produto), a tecnologia utilizada, a tarefa realizada e o corpo do trabalhador geram cargas de trabalho, abordadas como riscos ocupacionais. Estas cargas desencadeiam processos de adaptação do indivíduo que se traduzem em desgaste, que é a perda da capacidade potencial e/ou efetiva corporal e psíquica. Os acidentes de trabalho são uma forma abrupta do desgaste, traumática para os trabalhadores e para seus colegas, geralmente expostos a riscos semelhantes.

Os acidentes de trabalho constituem um problema de saúde pública em todo o mundo, por serem potencialmente fatais, incapacitantes e acometerem, em especial, pessoas jovens e em idade reprodutiva, o que acarreta grandes conseqüências sociais e econômicas. Estudos de diversos países mostram que acidentes de trabalho são comuns entre adolescentes (Santana *et al.*, 2003 b, c; Fischer *et al.*, 2003 a, b; Cooper *et al.*, 1999). No Brasil, segundo dados do INSS, durante o ano de 1997 foram registrados 4314 benefícios concedidos a adolescentes com idade até 17 anos em decorrência de acidentes de trabalho. A gravidade desse problema mostra-se evidente no registro de 218 óbitos entre homens e mulheres nessa faixa de idade como conseqüência dos acidentes (Ministério do Trabalho e Emprego, 2001). Apesar de suas conseqüências negativas, os acidentes de trabalho ressentem-se de uma insuficiente atenção por parte das políticas sociais no país. Evidência disso é a pobre qualidade dos dados oficiais sobre a mortalidade e morbidade por acidentes de trabalho, reconhecidamente subestimadas, tanto por inadequações do sistema de

registro, quanto pela parcialidade da cobertura, ainda restrita aos trabalhadores com carteira assinada (Conceição et al., 2003).

No entanto, o crescimento do número de trabalhadores sem contrato formal de trabalho no país tem sido significativo, chegando a representar a maioria da força de trabalho em algumas regiões urbanas. Estudos conduzidos no Brasil e em outros países têm mostrado que trabalhadores temporários, terceirizados ou do setor informal estão envolvidos em atividades mais perigosas ou são realizadas sem as medidas de proteção requeridas para os demais (Robazzi et al., 1996).

Segundo Monteau, citado por Almeida (2000b) existem diferentes tipos de acidentes de trabalho (acidentes tipo 1, acidentes tipo 2 e acidentes tipos 3). Esse autor propôs a classificação dos acidentes de trabalho em diferentes grupos: acidentes tipo 1, acidentes de 2 e acidentes tipo 3.

Os acidentes tipo 1 são aqueles desencadeados pela presença de uma variação na situação cotidiana do trabalho ou que resultam de seqüência linear de fatores desencadeados a partir dessa variação. Ou seja, são variações cuja presença, isoladamente, gera perturbações ou interações negativas que resultam no acidente. Esses são os tipos de acidentes mais frequentes que os demais e acontecem em atividades habituais, envolvendo condições ligadas ao posto de trabalho e que são realizadas com o uso de componentes estáveis ou permanentes do sistema, facilmente identificados como risco evidente. Nesses sistemas, em geral, a confiabilidade e a segurança baseia-se quase que exclusivamente no desempenho dos trabalhadores na atividade.

Os acidentes tipo 2 são aqueles em cujas origens participam conjunções de pequeno número de variações, ou seja, cujo desencadeamento necessita da presença de fator(es) mudança que, isoladamente, não leva(m) ao acidente, mas que, em associação com outro fator mudança de origem independente da sua, tomam-se suficientes para a ocorrência do acidente de trabalho. Trata-se de acidentes de ocorrência esporádica, menor que aquela dos de tipo 1, envolvendo interferências organizacionais na atividade e situações de aparecimento limitado no tempo.

Os acidentes tipo 3 são aqueles cujas origens exigem presença de conjunções de numerosos fatores variação de origens independentes entre si. Esses acidentes são de ocorrência excepcional, resultado de acumulações de erros ou afastamentos de regras e/ou procedimentos em sistemas dotados de políticas de gestão de segurança e que já resolveram problemas considerados clássicos para a Engenharia de Segurança. Isoladamente, as variações em questão podem não representar ameaça à segurança, mas, ao interagirem com as demais, levam ao acidente.

Um estudo realizado no estado do Texas, Estados Unidos mostrou que 25% dos estudantes trabalhadores relatou ter sofrido acidente de trabalho. Entre os tipos de acidentes mais comuns estavam: cortes, fraturas e quebra de ossos, entorses, choques elétricos, entre outros (Cooper, 1999).

Os estudos conduzidos nas cidades de Santo Antônio do Pinhal e Monteiro Lobato por Fischer *et al.* (2003 a) mostraram que 77,3% dos estudantes eram trabalhadores. Destes, 47%, referiram ter sofrido acidentes de trabalho. Os tipos e a severidade foram variados. Entre as lesões mínimas estavam cortes no dedo, pequenas queimaduras e cortes nas mãos, peles arranhadas por espinhos; entre os mais graves, queda de andaime, árvore, telhado, que resultaram em quebra de perna, braço, entorse no pé, ferimentos graves nas mãos ou pés, coices de cavalos ou vacas, picadas de animais do campo e intoxicação por praguicida.

Estudo, realizado por Santana *et al.* (2003 b) com 361 jovens de 10 a 20 anos de idade revelou que 23 adolescentes relataram ter sofrido acidente de trabalho. A incidência anual de acidentes de trabalho não fatais foi 6,4%. Entre as mulheres, a maioria dos acidentes ocorreu no ambiente de trabalho doméstico com pequena gravidade, mas 38,5% dos casos necessitaram de assistência médica, e 36,4% deixaram seqüelas permanentes não incapacitantes. Entre os rapazes, os acidentes típicos na via pública predominaram, e a maioria (60,0%) foi atendida em serviço de emergência.

Outro estudo realizado por Fischer *et al.* (2003 b) sobre as condições de vida e de trabalho de estudantes do ensino médio numa escola do Ensino Público do Município de São Paulo, mostraram que 52% dos estudantes do período noturno eram trabalhadores. Destes, 21% referiram ter sofrido algum acidente de trabalho. Entre as lesões mínimas estavam cortes nos dedos e nas mãos e queimaduras. Os mais graves eram os ferimentos nas mãos e nos pés, atropelamento e entorse de membros.

### **1.5. Percepção de risco**

O risco é parte inerente da atividade humana. O domínio do homem sobre a natureza só se desenvolve quando se exploram objetos desconhecidos. Não há como fazê-lo sem assumir uma certa dose de risco. De certa forma, o risco é o preço que se paga ao desenvolvimento da própria capacidade humana de tornar a vida mais confortável e mais segura. Todavia, esta argumentação abstrata não justifica a distribuição desigual dos riscos e das responsabilidades entre trabalhadores e os tomadores de decisão. Este é o ponto falho da ideologia do “risco social”, que tolera os acidentes em nome do progresso econômico (Lima e Assunção, 2000).

Segundo Kouabenan (1997), a “cultura de segurança” no local de trabalho, pode ser designada como uma “uma série de crenças, normas, atitudes, papéis, e práticas sociais e técnicas elaboradas pelos engenheiros de segurança, empregadores e gerentes para minimizar a exposição dos trabalhadores frente a uma condição considerada perigosa”. E tais crenças e práticas diversas vezes são passadas através de gerações.

Como forma de evitar ou atenuar os problemas constatados nesse estudo são necessárias medidas de caráter preventivo e programas de promoção da saúde, com a participação da mídia, dos pais e familiares e da própria comunidade (Candeias e Marcondes; 1979).

## **2. JUSTIFICATIVA**

A implementação de programas de promoção da saúde na escola e no trabalho para estudantes adolescentes é necessário devido:

- ao aumento do número de jovens ingressando precocemente no mercado de trabalho (formal, mas principalmente informal)

- aos resultados de pesquisas anteriores deste e de outros grupos sobre o trabalho de jovens, mostrando as dificuldades enfrentadas (tempo livre, lazer prejudicado, sono reduzido, dores no corpo, acidentes de trabalho).

## **3. OBJETIVOS**

### **3.1. Objetivo geral**

Investigar conhecimentos e práticas de estudantes trabalhadores e não trabalhadores do Ensino Médio de uma escola pública de São Paulo na prevenção de doenças e acidentes/incidentes do trabalho.

### **3.2. Objetivos específicos:**

**1. Comparar o conhecimento sobre prevenção de acidentes de trabalho** entre os grupos de adolescentes com experiência no mercado de trabalho e sem experiência no mercado de trabalho.

**2. Comparar o conhecimento sobre prevenção de acidentes de trabalho** entre os grupos de adolescentes com experiência no mercado de trabalho que já sofreram ou não acidentes graves do trabalho, e ou doenças/sintomas associadas às más condições de trabalho.

**3. Comparar as práticas de prevenção (estratégias) adotadas** pelos estudantes com experiência no mercado de trabalho que sofreram e não sofreram acidentes graves de trabalho e/ou apresentaram sintomas/doenças associadas às más condições de trabalho.

## **4. METODOLOGIA**

### **4.1. População Participante**

Foram estudados todos os adolescentes que não tem experiência no mercado de trabalho (não trabalhadores) e aqueles que atualmente possuem ou já tiveram alguma atividade laborativa realizada em caráter sistemático, sendo ou não remunerada, para terceiros, ou dentro do próprio âmbito familiar, que tenham ou não vínculo empregatício formalizado (carteira de trabalho assinada). Esta pesquisa englobou todos os adolescentes de 14 a 21 anos de idade, matriculados no período noturno das 3 séries do Ensino Médio que já tinham ou não ingressado no mercado de trabalho (presentemente trabalhando, desempregados e não trabalhadores). O colégio escolhido para conduzir a pesquisa foi o colégio estadual Fernão Dias Paes. Este colégio pertence à Diretoria de Ensino Centro-Oeste. Essa escolha foi feita, tendo em vista a continuidade da pesquisa iniciada por Fischer *et al.* (2002) (projeto FAPESP 00/11431-2), da qual fiz parte como bolsista TT3 (projeto FAPESP 01/04372-2).

Em trabalhos anteriores (Fischer *et al.*, 2003 a, b) a população estudada eram adolescentes da faixa etária de 14 a 18 anos. No presente estudo foram acrescentados os adolescentes de 19 a 21 anos. Isso porque, foi verificado que o perfil dos adolescentes de 14 a 21 anos não se alterava.

Os adolescentes foram contactados pessoalmente e convidados a participar do estudo. Os que aceitarem preencheram e assinaram o termo de consentimento esclarecido (ANEXO 1).

### **4.2. Estratégias metodológicas:**

Projetos de promoção da saúde para jovens trabalhadores têm sido desenvolvidos a fim de aproximar e engajar os seus participantes para melhoria das suas condições de vida. Também são importantes porque ampliam o conhecimento e as discussões dos problemas com os pais ou cuidadores destes jovens e a sociedade. Além disso, permitem aos jovens disseminar conhecimentos e informações de suas experiências e refletir sobre os impactos do trabalho sobre sua saúde e perspectivas profissionais.

A Agência Americana Federal de Saúde Ocupacional e Segurança NIOSH (National Institute for Occupational Safety and Health, 1997) sugere alguns passos para o desenvolvimento de um programa de prevenção à saúde. Entre eles estão:

a-) coletar dados da comunidade sob as suas condições de vida, saúde e de trabalho, incluindo acidentes e incidentes de trabalho (extensão e natureza do local onde os adolescentes trabalham e moram). Também é necessário coletar informações das estatísticas nacionais. Através das análises desses dados é possível fazer um levantamento dos principais problemas e pensar nas soluções.



Após a coleta de dados e a divulgação dessas informações, é bastante provável que jovens trabalhadores sentir-se-ão mais estimulados a participar de projetos de promoção de saúde, além de permitir identificar onde as intervenções relacionadas às más condições de trabalho são mais necessárias e possíveis.

Esta etapa do programa foi desenvolvida Fischer *et al.* (2003 b) do qual fiz parte como bolsista de treinamento técnico (projeto FAPESP01/04372-2).

b-) avaliar o conhecimento e práticas adotados pelos adolescentes em relação à sua saúde, segurança e condições de trabalho (projeto CNPq atualmente em desenvolvimento – processo: 470917/2003-2).

Esta etapa da pesquisa está sendo conduzida em termos quantitativos e qualitativos, com a aplicação de um questionário auto-respondido e entrevistas individuais semi-estruturadas. Entretanto, este trabalho de mestrado engloba apenas os resultados dos dados qualitativos.

#### 4.3. Coleta de dados:

Do total de alunos matriculados em 2003 (590 estudantes), foram convidados a participar da pesquisa todos os estudantes do ensino médio que pertenciam à faixa etária de 14 a 21 anos (565 estudantes). Os estudantes do Ensino Médio estavam distribuídos em 16 salas de aula (5 salas do primeiro ano, 5 do segundo ano e 6 do terceiro ano) (tabela 1).

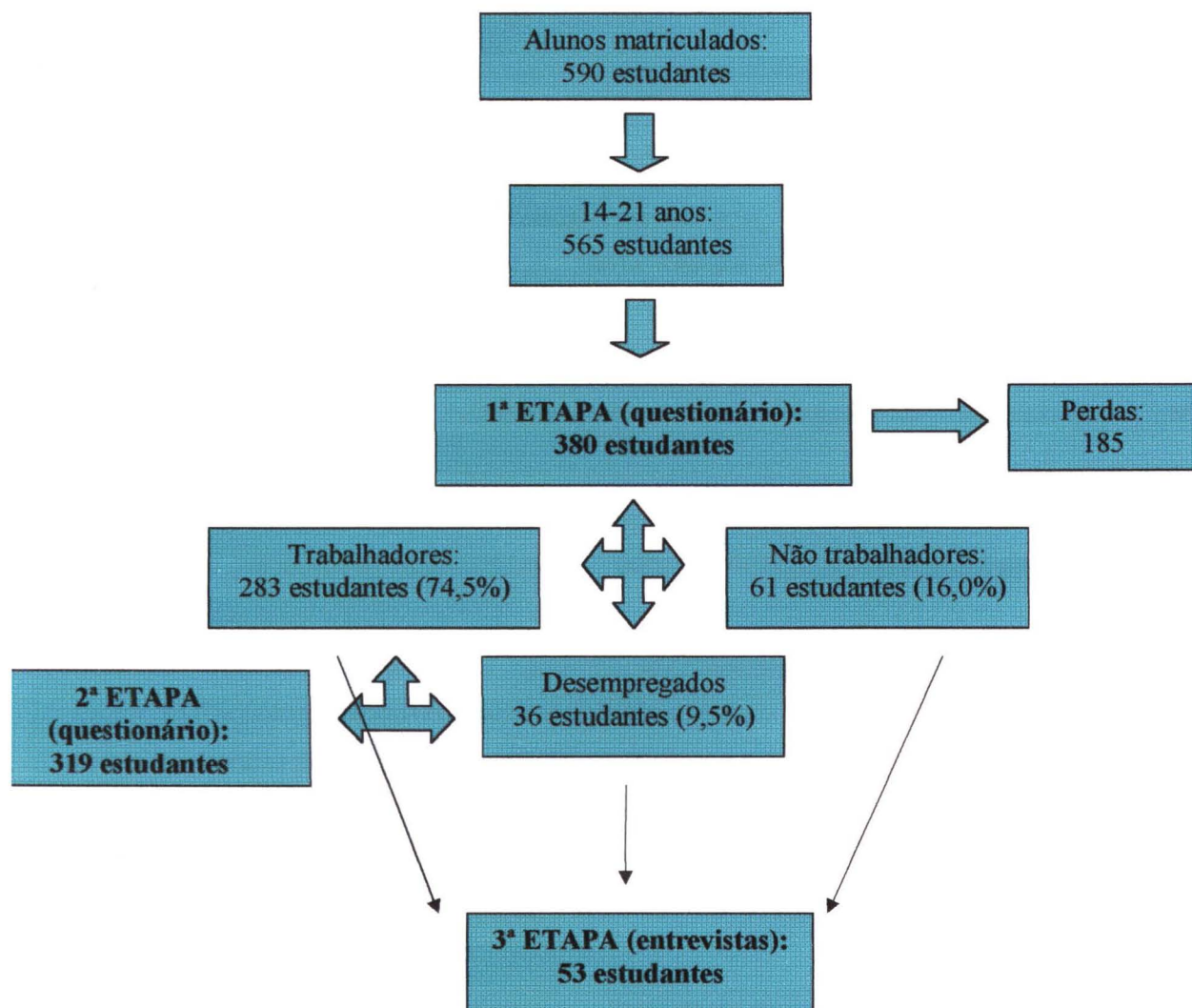
Tabela 1. Distribuição dos participantes segundo série de alunos matriculados no ensino médio no Colégio Fernão Dias Paes. São Paulo, 2003.

	<b>Nº DE MATRICULADOS</b>	<b>Nº DE ALUNOS ENTRE 14 E 21 ANOS INCOMPLETOS</b>	<b>Nº DE ALUNOS EXCLUÍDOS (maiores de 21 anos)</b>
<b>1º col</b>	181	171	10
<b>2º col</b>	185	176	9
<b>3º col</b>	224	218	6
<b>TOTAL</b>	<b>590 (100,0%)</b>	<b>565 (95,7%)</b>	<b>25 (4,3%)</b>

##### 4.3.1. Etapas da coleta de dados (vide fluxograma)

A primeira e segunda etapas foram realizadas do dia 29 de maio a 23 de outubro de 2003. A coleta de dados das duas primeiras etapas era feita no mesmo dia. Em cada dia eram coletados os dados de apenas 1 sala de aula. Ao final da coleta das 16 salas, retornamos a escola outras 3 vezes à procura dos alunos ausentes. Os alunos não encontrados foram classificados como perdas.

FLUXOGRAMA - Etapas da coleta de dados:



### **Primeira etapa**

Na primeira etapa, 380 adolescentes (67,3%) responderam ao questionário “Caracterização das condições de vida e trabalho dos adolescentes” (ANEXO 2) e obtivemos informações sobre dados demográficos (idade, data de nascimento, sexo) e atividade funcional (trabalhador, desempregado e não trabalhador).

No presente estudo considerou-se trabalho “*toda atividade sistemática em que há uma obrigatoriedade de desenvolver tarefas, em horários e períodos pré-determinados, seja no ambiente doméstico, seja para terceiros, com ou sem remuneração, tendo ou não vínculo empregatício formalizado*” (Fischer *et al.*, 2003a, Santana *et al.*, 2003b).

Definiu-se como *desempregados todos os estudantes que trabalharam regularmente, temporariamente, ou pelo menos 90 dias (período de experiência), em alguma atividade, mas já a deixaram voluntariamente, ou foram mandados embora há alguns dias, semanas, meses, até no máximo há um ano atrás.*

Para o grupo de alunos *não trabalhadores, foram considerados aqueles que registraram no questionário que nunca trabalharam, ou seja, nunca estiveram expostos aos riscos oferecidos pelo trabalho.*

Dos 565 alunos selecionados 32,7% não participaram da pesquisa (185 alunos). Os motivos foram: 73,0% faltosos freqüentes (alunos que faltavam com freqüência à aula) e 27,0% alunos que foram transferidos para outros colégios (Tabela 2).

Tabela 2. Distribuição segundo série das causas de perdas de alunos matriculados na terceira série do ensino médio no Colégio Fernão Dias Paes. São Paulo, 2002.

	<b>Matriculados (14-21 anos)</b>	<b>Faltosos freqüentes</b>	<b>Transferências</b>	<b>Total de perdas</b>
<b>1º col</b>	171	44	20	<b>64 (34,6%)</b>
<b>2º col</b>	176	37	17	<b>54 (29,2%)</b>
<b>3º col</b>	218	54	13	<b>67 (36,2%)</b>
<b>TOTAL</b>	<b>565 (100,0%)</b>	<b>135 (73,0%)</b>	<b>50 (27,0%)</b>	<b>185 (100,0%)</b>

### **Segunda etapa**

Nesta etapa apenas os estudantes que se auto-referiram ser trabalhadores (283 estudantes) e desempregados (36 estudantes) continuaram na pesquisa. Estes responderam o questionário “Caracterização das condições de trabalho dos adolescentes” (ANEXO 3).

Com este protocolo, obtivemos informações a respeito das condições de trabalho (local de trabalho e função exercida, registro em carteira de trabalho, benefícios recebidos, salário, horário de trabalho, descanso e alimentação) e caracterização do(s) acidente(s) de trabalho (respondida apenas pelos estudantes que já sofreram acidente de trabalho).

Após o preenchimento pelo alunos, os questionários foram revisados e as incorreções no preenchimento, ou dúvidas das respostas, corrigidas junto aos participantes.

Foram considerados acidentados todos os estudantes que referiram já ter se machucado no atual trabalho, ou em trabalho(s) anterior(es).

### **Terceira etapa**

Nesta etapa, realizada durante os meses de março a maio e agosto de 2004, foram feitas entrevistas com roteiro semi-estruturado (ANEXO 4) com adolescentes dos dois grupos: adolescentes com experiência de trabalho (trabalhadores, que responderam às questões baseando-se no seu emprego atual; e os desempregados, que responderam às questões sobre o seu último emprego) e adolescentes sem experiência de trabalho (adolescentes não trabalhadores que responderam às questões sobre o emprego que gostariam de ter). São os resultados dessa etapa que compõe a presente dissertação.

Entre os adolescentes com experiência de trabalho foram formados dois grupos: os adolescentes que sofreram acidentes/incidentes de trabalho e adolescentes que nunca sofreram acidentes/incidentes de trabalho.

Para a escolha dos adolescentes a serem entrevistados foi elaborada uma lista constando: as funções mais freqüentes exercidas no trabalho, acidente de trabalho (tipo do acidente), nome e série de cada adolescente. Em seguida, foi feito um sorteio dos adolescentes, por cada função.

Para os adolescentes sem experiência no mercado de trabalho, foi feita uma lista com os nomes dos adolescentes, e em seguida, foi feito um sorteio com números aleatórios.

Os adolescentes a serem entrevistados foram procurados pela ordem desse sorteio.

As entrevistas foram feitas baseando-se por um Roteiro de Entrevista semi-estruturado (ANEXO 4).

Os adolescentes com experiência no mercado de trabalho responderam questões referentes à: descrição do dia a dia no trabalho, pausas, equipamentos utilizados no trabalho, percepção de riscos presentes no ambiente de trabalho, equipamentos de proteção individual e estratégias de prevenção de acidentes de trabalho.

Os adolescentes sem experiência no mercado de trabalho responderam questões referentes a: como imagina ser o dia a dia no trabalho, percepção de riscos presentes no ambiente de trabalho.

percepção de riscos presentes no ambiente de trabalho, equipamentos de proteção individual e estratégias de prevenção de acidentes de trabalho.

As entrevistas foram feitas em uma sala de aula separada para esta finalidade, silenciosa, sem a presença de outros alunos e professores. As entrevistas foram gravadas em fitas individuais e transcritas na íntegra, com o consentimento dos alunos.

No total foram entrevistados 53 adolescentes. Destes, 60,4% tinham experiência no mercado de trabalho e 39,6% não tinham experiência.

➤ **Características dos adolescentes sem experiência no mercado de trabalho**

Estudavam no 1º ano do Ensino Médio 52,4% dos entrevistados, estudavam no 2º ano 19% e estudavam no 3º ano 28,6%.

Entre os 21 adolescentes sem experiência no mercado de trabalho, pertenciam ao sexo masculino 38,1% dos adolescentes e ao sexo feminino 61,9%.

Quanto à idade, 42,8% dos adolescentes tinham 18 anos de idade, 28,6% tinham 17 anos, 28,6% tinham abaixo de 16 anos.

➤ **Características dos adolescentes com experiência no mercado de trabalho**

Entre os 32 adolescentes com experiência no mercado de trabalho, 43,4% dos adolescentes eram do sexo masculino e 56,6% do sexo feminino.

Estudavam no 1º ano do ensino médio 43,4% dos adolescentes, estudavam no 2º ano 26,4% e estudavam no 3º ano 30,2%.

Quanto à idade, 37,7% dos adolescentes tinham 18 anos de idade, 35,8% tinham 17 anos, 18,9% tinham 16 anos, 7,6% tinham menos de 15 anos.

Sofreram acidentes de trabalho 46,9% dos adolescentes.

➤ **Características dos adolescentes com experiência no mercado de trabalho que não sofreram acidentes de trabalho**

Dezessete adolescentes (46,9%) que tinham experiência no mercado de trabalho nunca sofreram acidente de trabalho. Entre esses, estudavam no 1º ano do Ensino médio 41,2% dos entrevistados, estudavam no 2º ano 35,3% e estudavam no 3º ano 23,5%.

Pertenciam ao sexo masculino 41,2% dos entrevistados e 58,8% pertenciam ao sexo feminino.

Quanto à idade, 29,4% tinham 18 anos de idade, 52,9% tinham 17 anos, 17,7% tinham menos de 16 anos.

As funções exercidas por esses estudantes eram telemarketing, recepcionista, balconista, auxiliar de escritório, office boy, técnico de informática e digitador.

➤ **Característica dos adolescentes com experiência no mercado de trabalho que sofreram acidente de trabalho.**

Entre os adolescentes com experiência no mercado de trabalho, 15 entrevistados (46,9%) já sofreram acidente de trabalho. Entre eles, estudavam no 1º ano do Ensino Médio 33,3% dos adolescentes acidentados, estudavam no 2º ano 26,7% e estudavam no 3º ano 40%.

Quanto ao sexo, 53,3% eram do sexo masculino e 46,7% do sexo feminino.

Em relação à idade, 34,3% tinha acima de 18 anos de idade, 26,7% tinha 17 anos, 20,3% tinha 16 anos e 13,3% tinha 15 anos.

As funções exercidas por esses estudantes foram: ajudante geral, doméstica, estoquista, recepcionista, cozinheira, atendente, jogador de futebol, garçom, auxiliar de escritório e recreacionista.

Os tipos de lesões relatadas por esses estudantes foram: cortes superficiais, queimaduras, torções, arranhões e distúrbios ósteo-musculares. Nota-se que o total de lesões relatadas é maior que o total de adolescentes com experiência no mercado de trabalho que sofreram acidentes de trabalho. Isso ocorreu porque muitos adolescentes sofreram mais de uma vez acidentes de trabalho no mesmo trabalho ou em outro serviço.

Abaixo estão as descrições dos acidentes, de acordo com cada função exercida no trabalho:

- Ajudante geral em empresa de reciclagem: cortava-se freqüentemente com lança de ferro, usada na separação do material, além de quedas de objetos em cima do corpo.
- Doméstica: freqüentes quedas em locais escorregadios e escadas e queimaduras na cozinha.
- Estoquista: freqüentes quedas de material em diversas partes do corpo.
- Recepcionista: torção de tornozelo quando estava se dirigindo ao local de trabalho.
- Cozinheiro: freqüentes queimaduras ocasionadas por manipulação de materiais utilizados na cozinha, além de quedas em locais escorregadios.
- Ajudante geral: freqüentes dores no corpo e queda de escada.
- Jogador de futebol: quedas freqüentes, hematomas e torção de tornozelo.
- Recreacionista: dores lombares freqüentes e quedas.
- Garçom: dores no braço e cortes no dedo.
- Atendente de lanchonete: cortes no dedo e queimaduras.
- Auxiliar de escritório: cortes no dedo.

- Auxiliar de consultório odontológico: cortes provocados por instrumentos utilizados em um consultório odontológico.
- Auxiliar de escritório: queda de moto, arranhões e torção no braço.

#### **4.4. Análise dos dados**

##### **4.4.1. Representações sociais**

*“Representações sociais são uma modalidade de conhecimento particular que têm por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos”* (Moscovici, apud Oliveira, 2002). É uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Igualmente designada como saber de senso comum ou ainda, saber ingênuo, natural, esta forma de conhecimento é diferenciada, entre outras, do conhecimento científico. Entretanto, é tida como um objeto de estudo tão legítimo quanto este, devido à sua importância na vida social e à elucidação possibilitadora dos processos cognitivos e das interações sociais (Jodelet, 2001). Pode-se entender as representações sociais também como idéias, imagens, concepções e visões de mundo que os atores sociais, cada grupo social elabora representações de acordo com a sua posição no conjunto da sociedade. As representações emergem de seus interesses específicos e da própria dinâmica da vida cotidiana (Moreira e Oliveira, 1998).

Para análise das representações sociais são conhecidas diversas metodologias. Entre elas metodologia das evocações livres (Oliveira, 2002), metodologia de análise de conteúdo Sá (1998) e metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo (Lefèvre e Lefèvre, 2003). Para a análise das representações sociais de adolescentes acerca dos riscos presentes no ambiente de trabalho, optou-se por trabalhar com a metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo (DCS) proposto por Lefèvre e Lefèvre. Tal proposta vem sendo empregada em diversos estudos (Botti, 2004; Gravina, 2004, Trindade, 2003, Julião, 2003; Palha, 2001) e tem como finalidade fazer as devidas correlações que um coletivo traz em suas falas, carregadas de valores intrínsecos adquiridos ao longo da vida social e se apresentam nos seus cotidianos. Na percepção dos autores, o imaginário social é uma representação social na forma de matéria prima discursiva e esta permite que os indivíduos produzam pensamentos, crenças, sentimentos, entre outros, para serem inter-relacionados na sociedade em que vivem e nos grupos a que pertencem. Portanto, as representações sociais são melhor visualizadas neste modo discursivo, na medida em que eles aparecem sob uma forma mais viva e direta em um discurso, pois esta é a forma como os indivíduos reais, concretos, pensam, e não como uma forma artificial de quadros, tabelas, ou categorias. Para isso propõe a organização dos dados discursivos, tornando mais clara a representação social, bem como o conjunto das

representações que conforma um dado imaginário. É um discurso síntese, redigido na primeira pessoa do singular, composto pelas expressões chave com as mesmas idéias centrais. Parte-se de discursos individuais que depois de decompostos através de idéias centrais são reunidos e condensados em um ou mais discursos do sujeito coletivo. O discurso do sujeito pode ter mais de uma idéia central ou vários indivíduos apresentarem a mesma idéia central. Sendo assim, um determinado pensamento expresso por um determinado indivíduo pode não espelhar suficientemente o pensamento dele mesmo, pois, sua resposta não atualizou as possibilidades presentes em sua cultura. Dessa forma, a resposta de um ajuda a entender, ou complementar, ou esclarecer, o pensamento do outro (Lefèvre e Lefèvre, 2000).

Segundo os autores, o DSC é um discurso abstrato realizado a partir de discursos particulares concretos “desparticularizados”, finalizando um ou vários discursos comuns. No processo de “desparticularização” retiram-se dos discursos individuais marcas que identifiquem situações particulares que dizem respeito à história do indivíduo como doenças, nomes, datas, histórias individuais, entre outras.

Na composição dos discursos coletivos o pesquisador pode construir um discurso coletivo usando somente parte do material de um dado depoimento, e com a outra parte do mesmo compor outro discurso. O DSC é uma descrição ou representação discursiva do imaginário social, possuindo como objetivo/compromisso sua própria clareza, coerência semântica e didatismo.

Esta proposta implica utilização das seguintes “figuras metodológicas”: idéia central, expressões-chave e o discurso do sujeito coletivo.

A *idéia central* poderia ser entendida como a afirmação que permite traduzir o essencial do conteúdo discursivo explicitado pelos sujeitos em seus depoimentos. Revela e descreve, de forma mais sintética, precisa e fidedigna possível, o sentido de cada um dos discursos analisados. Portanto, a idéia central do discurso não é uma interpretação, mas sim, uma descrição do sentido de um depoimento ou de um conjunto de depoimentos.

As *expressões chave* são pedaços, trechos ou transcrições literais do discurso de cada indivíduo, que revelam a essência do depoimento ou do conteúdo discursivo dos segmentos em que se divide o depoimento. É com a matéria-prima das expressões chave que se constroem os DSC. Segundo os autores, as expressões chave são uma prova das idéias centrais e vice e versa.

As expressões chave são basicamente concretas, expressivas, descritivas, abundantes, afetivas; o contrário das idéias centrais que são abstratas, conceituais, sintéticas, frias e poucas (Lefèvre e Lefèvre, 2000).

O discurso do sujeito coletivo é a principal das figuras metodológicas, pois, é um rompimento com a lógica quantitativo-classificatória, que busca resgatar o discurso como signo de



conhecimentos dos próprios discursos. É montado, como um quebra-cabeça a partir de discursos individuais, elaborando tantos discursos-síntese quantos se julgue necessário para expressar uma dada figura, ou seja, um dado pensar ou representação social sobre um fenômeno (Lefèvre e Lefèvre, 2000).

#### **4.4.2. Análise das entrevistas**

Neste trabalho optou-se pelo uso de entrevistas semi-estruturadas em função dos objetivos a que se propôs a estudar. A entrevista semi-estruturada é uma das melhores formas de coleta de dados, pois é aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas dos informantes. As fontes de viés que podem surgir de uma entrevista vão desde influências da percepção recíproca ligadas a raça, sexo, idade, status e as chamadas não respostas por causa da desconfiança e da intimidação (Thiollent, 1987). Além disso, o uso da entrevista na coleta de dados nos permite vislumbrar modos de expressão, linguagem, contexto de trabalho dos participantes e ampliar atributos dos objetos de estudo (Borges e Pinheiro, 2002).

Segundo Minayo (2000) esse método trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, correspondendo ao que não pode ser reduzido à quantificação.

Após as transcrições das 53 entrevistas, iniciou-se a construção do banco de dados elaborado no software “Quali-quantum soft”, desenvolvido pelos professores Fernando Lefèvre e Ana Maria Cavalcanti Lefèvre, da Faculdade de Saúde Pública da USP.

Inicialmente foram selecionadas 3 perguntas discursivas a serem analisadas:

1. Qual é a sua opinião sobre a segurança (contra acidentes de trabalho) no seu local de trabalho?
2. Na sua opinião, por que acidentes de trabalho ocorrem?
3. O que você faz para evitar que ocorram acidentes de trabalho com você?

Em seguida, o primeiro passo foi copiar integralmente os conteúdos de todas as respostas referentes à questão 1 na coluna “expressões chave” do campo IAD1 (instrumento de análise de discurso 1).

O segundo passo consistiu em identificar e sublinhar em cada uma das respostas as expressões chave.

O terceiro passo consistiu em identificar e agrupar as idéias centrais de mesmo sentido, sentido equivalente ou sentido complementar. A cada idéia central agrupada atribuiu-se uma letra.

Para a questão 1 (Qual é a sua opinião sobre a segurança no seu local de trabalho) foram identificadas as seguintes idéias centrais:

- A** - O local de trabalho é seguro
- B** - O ambiente de trabalho é inseguro em decorrência de questões organizacionais
- C** - O ambiente de trabalho é inseguro devido a falta de cuidados do trabalhador
- D** - O ambiente de trabalho é inseguro em decorrência do ambiente físico, químico ou biológico.
- E** - Ninguém se preocupa com esse tema.

Para a questão 2 (Na sua opinião, porque ocorrem acidentes de trabalho) foram identificadas as seguintes idéias centrais:

- A** - Acidentes de trabalho ocorrem por azar do funcionário
- B** - Acidentes de trabalho ocorrem por descuido do funcionário
- C** - Acidentes de trabalho ocorrem por irresponsabilidade do patrão
- D** - Acidentes de trabalho ocorrem por falta de treinamento no trabalho
- E** - Nunca pensou no assunto
- F** - Acidentes de trabalho ocorrem porque o ambiente de trabalho é inseguro

Para a questão 3 (O que você faz para evitar que ocorram acidentes de trabalho com você) foram identificadas as seguintes idéias centrais:

- A** - Presta atenção.
- B** - Não faz nada.
- C** - Nunca pensou nisso
- D** - Usa equipamentos de proteção.
- E** - Evita o risco.
- F** - Evita fazer esforço fora do trabalho.
- H** - Procura informações a respeito do trabalho.

O quarto passo foi a construção dos DSCs no campo IAD2 (Instrumento de análise de discurso 2). Para isso os entrevistados foram divididos em dois grupos: sem experiência no mercado de trabalho e com experiência no mercado de trabalho. Para cada um dos grupos foram construídos diferentes DSCs, de acordo com cada idéia central identificada. Dessa forma, na primeira questão foram construídos 5 DSCs para os adolescentes sem experiência no mercado de trabalho e 5 DSCs para os adolescentes com experiência no mercado de trabalho. Na segunda

questão foram construídos 3 DSCs para os adolescentes sem experiência no mercado de trabalho e 6 DSCs para os adolescentes com experiência no mercado de trabalho. Na terceira questão foram construídos 5 DSCs para os adolescentes sem experiência no mercado de trabalho e 4 DSCs para os adolescentes com experiência no mercado de trabalho.

Para a construção dos DSC foi feito um seqüenciamento das expressões-chave. A ligação entre as partes do discurso ou parágrafos foi feita através da introdução de conectivos que proporcionaram a coesão do discurso. Foram eliminadas do discurso particularidades, como sexo, idade e eventos particulares, assim como idéias repetidas.

#### **4.5. Dificuldades encontradas na coleta de dados**

As perdas na primeira e segunda etapa da coleta de dados (questionários) foram altas (32,7%). Isso porque houve dificuldade para encontrar os adolescentes na escola, já que muitos alunos faltam freqüentemente às aulas.

A coleta de dados da terceira etapa (entrevistas) ocorreu em 2 momentos distintos (março a maio e agosto de 2004). Isso se deveu a fim de aumentar o tamanho da amostra de não trabalhadores. Até o mês de maio de 2004 tinham sido entrevistados 9 adolescentes sem experiência no mercado de trabalho e 14 adolescentes com experiência no mercado de trabalho. Com o acréscimo da coleta de agosto de 2004, a amostra foi aumentada para 21 adolescentes sem experiência no mercado de trabalho e 32 adolescentes com experiência no mercado de trabalho.

## 5. RESULTADOS

### 5.1. Resultados quantitativos

#### 1ª questão: Qual a sua opinião sobre a segurança em seu local de trabalho?

Foram entrevistados 53 estudantes. Sessenta e uma respostas foram relatadas a partir desta pergunta. Com sideraram seu local de trabalho seguro 49,2% dos estudantes. Não se preocupam com o assunto 1,6%. Os demais consideraram o local de trabalho inseguro. Razões apontadas foram: questões organizacionais da empresa (9,9%), falta de cuidados dos trabalhadores (4,9%) e problemas relacionados ao ambiente físico, químico ou biológico (34,4%) (Quadro 1).

Quadro 1 – Número e porcentagens das idéias centrais dos adolescentes sobre a opinião quanto à segurança no seu local de trabalho.

<b>Idéias Centrais</b>		<b>n</b>	<b>%</b>
<b>A</b>	<b>O local de trabalho é seguro</b>	<b>30</b>	<b>49,2</b>
<b>B</b>	<b>O ambiente de trabalho é inseguro em decorrência do ambiente físico, químico ou biológico.</b>	<b>21</b>	<b>34,4</b>
<b>C</b>	<b>O ambiente de trabalho é inseguro em decorrência de questões organizacionais</b>	<b>6</b>	<b>9,9</b>
	<b>O ambiente de trabalho é inseguro devido à falta de cuidados do trabalhador</b>	<b>3</b>	<b>4,9</b>
<b>E</b>	<b>Ninguém se preocupa com esse tema</b>	<b>1</b>	<b>1,6</b>
<b>Total de respostas: 61</b>			

**ADOLESCENTES COM EXPERIÊNCIA NO MERCADO DE TRABALHO E SEM EXPERIÊNCIA NO MERCADO DE TRABALHO (quadro 2):**

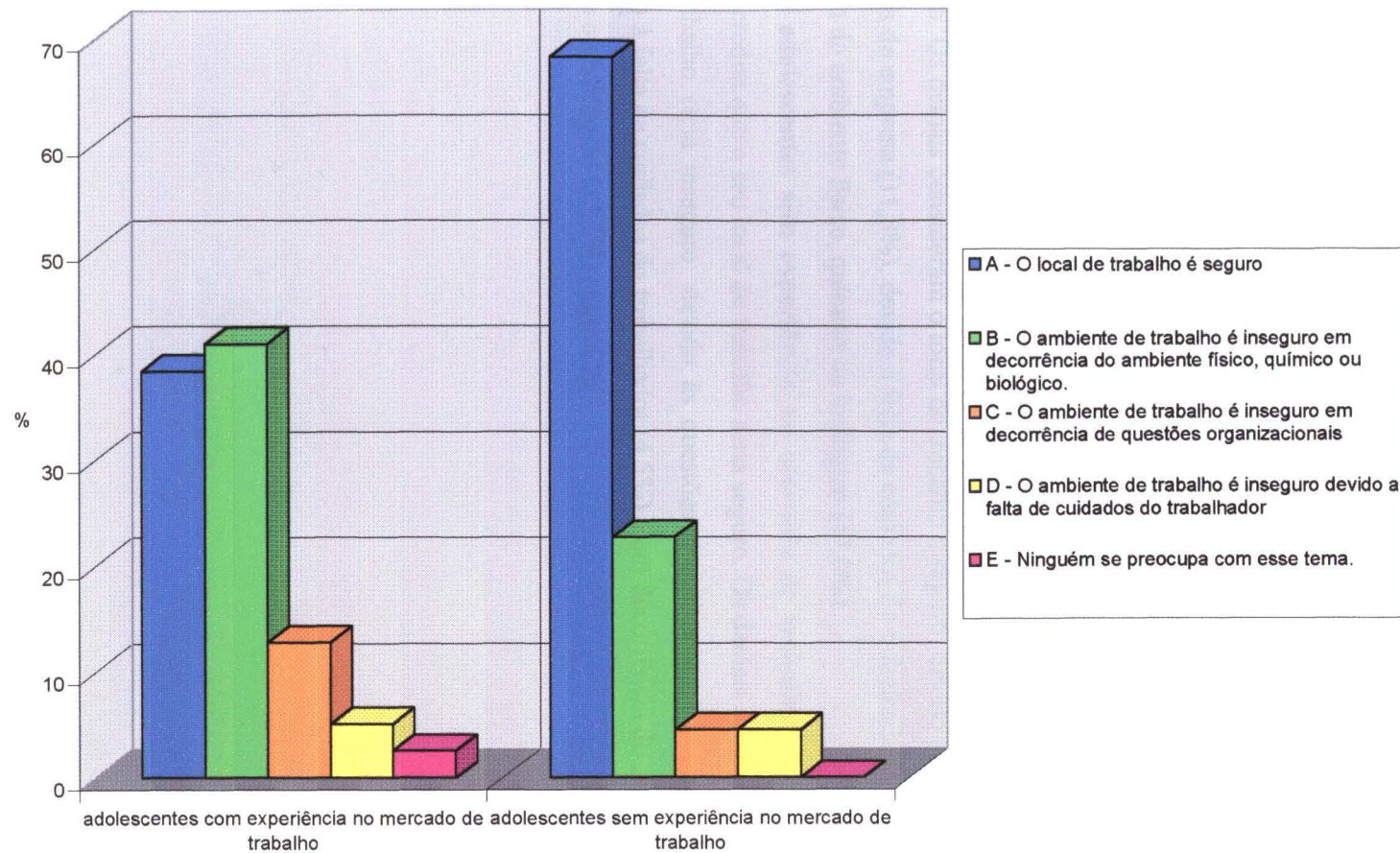
Entre os **adolescentes com experiência no mercado de trabalho**, 38,5% dos adolescentes consideram o seu local de trabalho seguro. Os demais consideram o local de trabalho inseguro: devido às questões organizacionais da empresa (12,8%), devido à falta de cuidados dos trabalhadores (5,1%), em decorrência do ambiente, físico, químico ou biológico (41,0%); 2,6% dos adolescentes não se preocupam com esse tema.

Entre os **adolescentes sem experiência no mercado de trabalho**, 68,3% dos adolescentes acreditam que o seu local de trabalho seria seguro. Os demais acreditam que o local de trabalho seria inseguro: devido às questões organizacionais da empresa (4,5%), devido à falta de cuidados dos trabalhadores (4,5%), em decorrência do ambiente, físico, químico ou biológico (22,7%); 2,6% dos adolescentes não se preocupam com esse tema (figura 1).

Quadro 2 – Número e porcentagens das idéias centrais dos adolescentes com experiência no mercado de trabalho (C EXP) e sem experiência no mercado de trabalho (S EXP) sobre a opinião quanto à segurança no seu local de trabalho.

Idéias Centrais		C EXP		S EXP	
		n	%	n	%
A	O local de trabalho é seguro	15	38,5	15	68,3
B	O ambiente de trabalho é inseguro em decorrência do ambiente físico, químico ou biológico.	16	41,0	5	22,7
C	O ambiente de trabalho é inseguro em decorrência de questões organizacionais	5	12,8	1	4,5
	O ambiente de trabalho é inseguro devido à falta de cuidados do trabalhador	2	5,1	1	4,5
E	Ninguém se preocupa com esse tema	1	2,6	0	0,0
<b>Total de respostas:</b>		<b>39</b>		<b>22</b>	

FIGURA 1 – Porcentagens das idéias centrais dos adolescentes com experiência no mercado de trabalho (C EXP) e sem experiência no mercado de trabalho (S EXP) sobre a opinião quanto à segurança no seu local de trabalho.



**ADOLESCENTES COM EXPERIÊNCIA NO MERCADO DE TRABALHO QUE NUNCA SOFRERAM ACIDENTES DE TRABALHO, ADOLESCENTES COM EXPERIÊNCIA NO MERCADO DE TRABALHO QUE SOFRERAM ACIDENTES DE TRABALHO E ADOLESCENTES NÃO TRABALHADORES (quadro 3).**

Entre os **adolescentes com experiência no mercado de trabalho que nunca sofreram acidentes de trabalho**, 40,9% dos adolescentes consideram o seu local de trabalho seguro. Os demais consideram o local de trabalho inseguro: devido às questões organizacionais da empresa (13,6%), devido à falta de cuidados do trabalhador (4,5%) e em decorrência do ambiente físico, químico ou biológico (36,5%); 4,5% dos adolescentes não se preocupa com o assunto.

Entre os **adolescentes com experiência no mercado de trabalho que nunca sofreram acidentes de trabalho**, 35,3% dos adolescentes consideram o seu local de trabalho seguro. Os demais consideram o local de trabalho inseguro: devido às questões organizacionais da empresa (11,8%), devido à falta de cuidados do trabalhador (5,9%) e em decorrência do ambiente físico, químico ou biológico (47,0%).

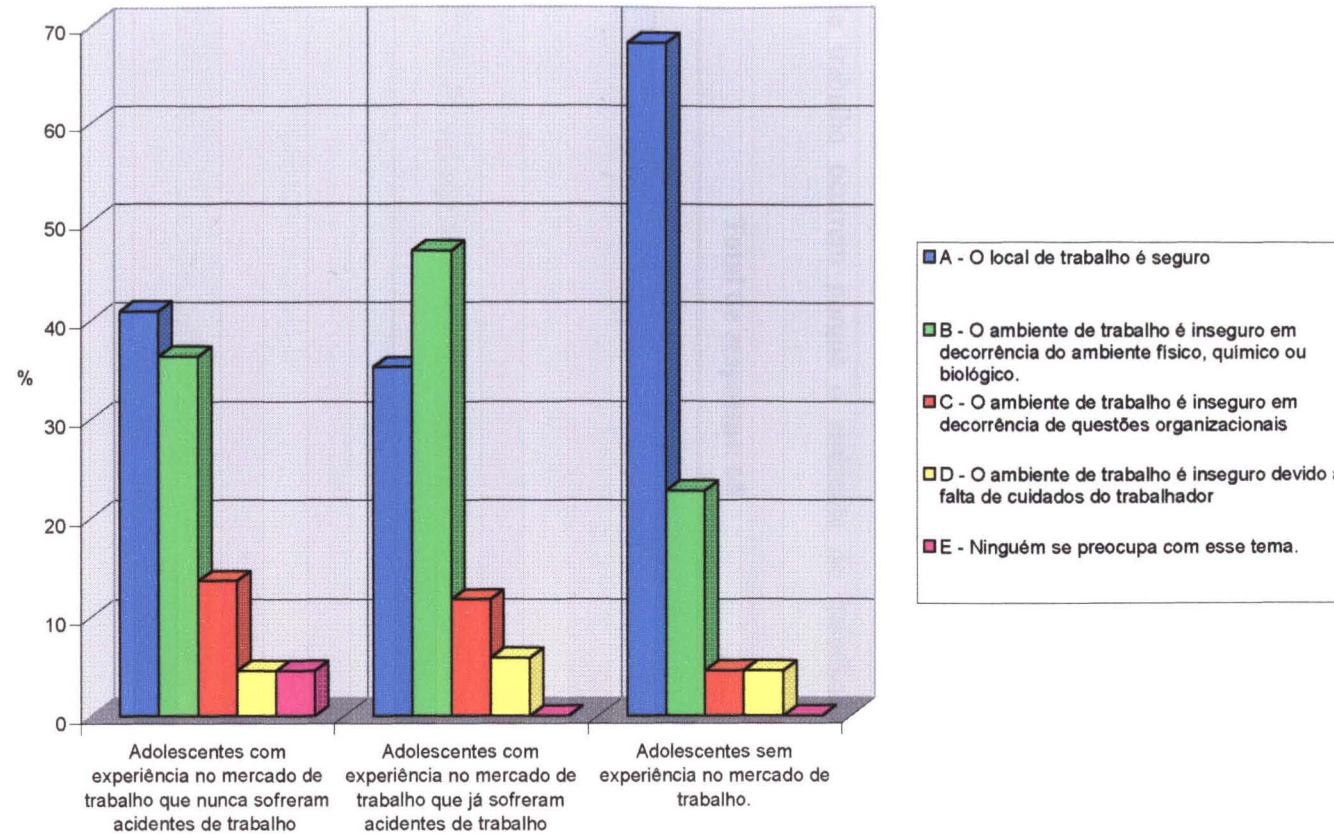
Entre os **adolescentes sem experiência no mercado de trabalho**, 68,3% dos adolescentes acredita que o seu local de trabalho seria seguro. Os demais acreditam que o local de trabalho seria inseguro: devido às questões organizacionais da empresa (4,5%), devido à falta de cuidados do trabalhador (4,5%) e em decorrência do ambiente físico, químico ou biológico (22,7%) (figura 2).

Quadro 3 – Número e porcentagens das idéias centrais dos adolescentes com experiência no mercado de trabalho que nunca sofreram acidentes de trabalho (C EXP NAT), que já sofreram acidente de trabalho (C EXP AT) e sem experiência no mercado de trabalho (S EXP) sobre a opinião quanto à segurança no seu local de trabalho.

Idéias Centrais dos adolescentes com experiência no mercado de trabalho que nunca sofreram acidente de trabalho		C EXP NAT		C EXP AT		S EXP	
		n	%	n	%	n	%
A	O local de trabalho é seguro	9	40,9	6	35,3	15	68,3
B	O ambiente de trabalho é inseguro em decorrência do ambiente físico, químico ou biológico.	8	36,5	8	47,0	5	22,7
C	O ambiente de trabalho é inseguro em decorrência de questões organizacionais	3	13,6	2	11,8	1	4,5
	O ambiente de trabalho é inseguro devido à falta de cuidados do trabalhador	1	4,5	1	5,9	1	4,5
E	Ninguém se preocupa com esse tema	1	4,5	0	0,0	0	0,0
<b>Total de respostas:</b>		<b>22</b>		<b>17</b>		<b>22</b>	



FIGURA 2 – Porcentagens das idéias centrais dos adolescentes com experiência no mercado de trabalho que nunca sofreram acidentes de trabalho (C EXP NAT), que já sofreram acidente de trabalho (C EXP AT) e sem experiência no mercado de trabalho (S EXP) sobre a opinião quanto à segurança no seu local de trabalho.



**2ª questão: Na sua opinião, porque ocorrem acidentes de trabalho?**

Na opinião de 50,0% dos adolescentes entrevistados, os acidentes de trabalho ocorrem por descuido do funcionário. Para 25,0% os acidentes ocorrem por irresponsabilidade do patrão, 8,8% por azar do funcionário, 7,4% nunca pensaram no assunto, 4,4% por falta de treinamento no trabalho e 4,4% porque o ambiente de trabalho é inseguro (quadro 4).

Quadro 4 – Número e porcentagens das idéias centrais dos adolescentes sobre a opinião do porque ocorrem acidentes de trabalho.

<b>Idéias Centrais</b>		<b>N</b>	<b>%</b>
<b>A</b>	Acidentes de trabalho ocorrem por descuido do funcionário	<b>34</b>	<b>50,0</b>
	Acidentes de trabalho ocorrem por irresponsabilidade do patrão	<b>17</b>	<b>25,0</b>
<b>C</b>	Acidentes de trabalho ocorrem por azar do funcionário	<b>6</b>	<b>8,8</b>
<b>D</b>	Nunca pensou no assunto	<b>5</b>	<b>7,4</b>
<b>E</b>	Acidentes de trabalho ocorrem por falta de treinamento no trabalho	<b>3</b>	<b>4,4</b>
<b>F</b>	Acidentes de trabalho ocorrem porque o ambiente de trabalho é inseguro	<b>3</b>	<b>4,4</b>
<b>Total de respostas: 68</b>			

**ADOLESCENTES COM EXPERIÊNCIA NO MERCADO DE TRABALHO E SEM EXPERIÊNCIA NO MERCADO DE TRABALHO (quadro 5)**

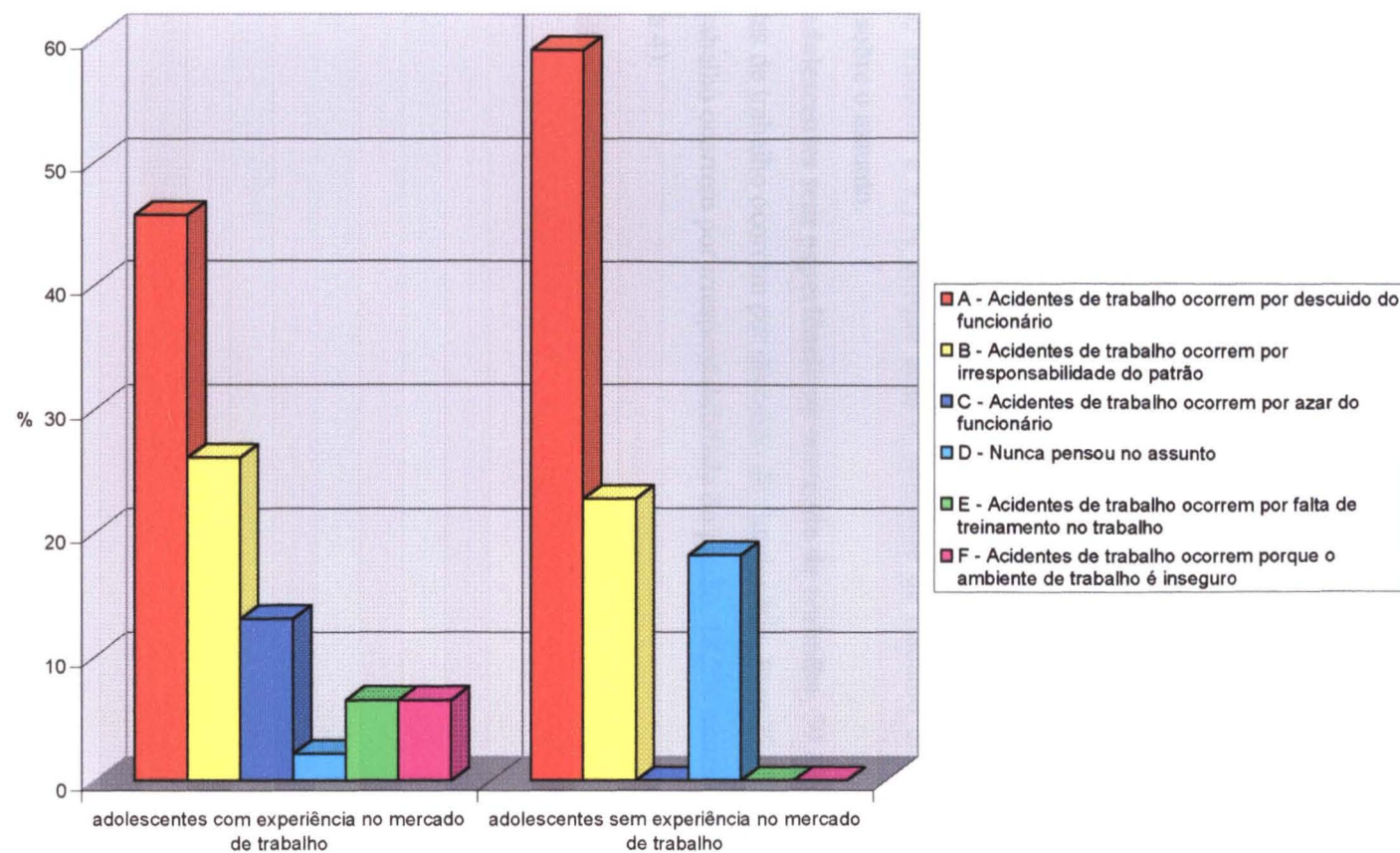
Para os **adolescentes com experiência no mercado de trabalho**, 45,6% acredita que os acidentes de trabalho ocorrem por descuido do funcionário. Para 26,1% os acidentes de trabalho ocorrem por irresponsabilidade do patrão, 13,0% por azar do funcionário, 2,3% nunca pensou no assunto, 6,5% por falta de treinamento no trabalho e 6,5% porque acha o ambiente de trabalho inseguro.

Para os **adolescentes sem experiência no mercado de trabalho**, 59,1% acredita que os acidentes de trabalho ocorrem por descuido do funcionário. Para 22,7% os acidentes de trabalho ocorrem por irresponsabilidade do patrão, 18,2% nunca pensou no assunto (figura 3).

Quadro 5 – Número e porcentagens das idéias centrais dos adolescentes com experiência no mercado de trabalho (C EXP) e sem experiência no mercado de trabalho (S EXP) sobre a opinião do porque ocorrem acidentes de trabalho.

Idéias Centrais dos adolescentes com experiência no mercado de trabalho		C EXP		S EXP	
		n	%	n	%
A	Acidentes de trabalho ocorrem por descuido do funcionário	21	45,6	13	59,1
	Acidentes de trabalho ocorrem por irresponsabilidade do patrão	12	26,1	5	22,7
C	Acidentes de trabalho ocorrem por azar do funcionário	6	13,0	0	0,0
D	Nunca pensou no assunto	1	2,3	4	18,2
E	Acidentes de trabalho ocorrem por falta de treinamento no trabalho	3	6,5	0	0,0
F	Acidentes de trabalho ocorrem porque o ambiente de trabalho é inseguro	3	6,5	0	0,0
<b>Total de respostas:</b>		<b>46</b>		<b>22</b>	

FIGURA 3 – Percentagens idéias centrais dos adolescentes com experiência no mercado de trabalho (C EXP) e sem experiência no mercado de trabalho (S EXP) sobre a opinião do porque ocorrem acidentes de trabalho.



**ADOLESCENTES COM EXPERIÊNCIA NO MERCADO DE TRABALHO QUE NUNCA SOFRERAM ACIDENTES DE TRABALHO, ADOLESCENTES COM EXPERIÊNCIA NO MERCADO DE TRABALHO QUE SOFRERAM ACIDENTES DE TRABALHO E ADOLESCENTES NÃO TRABALHADORES (quadro 6).**

Para os **adolescentes com experiência no mercado de trabalho que nunca sofreram acidentes de trabalho**, 37,5% acredita que os acidentes de trabalho ocorrem por descuido do funcionário. Para 37,5% os acidentes de trabalho ocorrem por irresponsabilidade do patrão, 12,5% por azar do funcionário, 8,3% por falta de treinamento no trabalho e 4,2% porque acha o ambiente de trabalho inseguro.

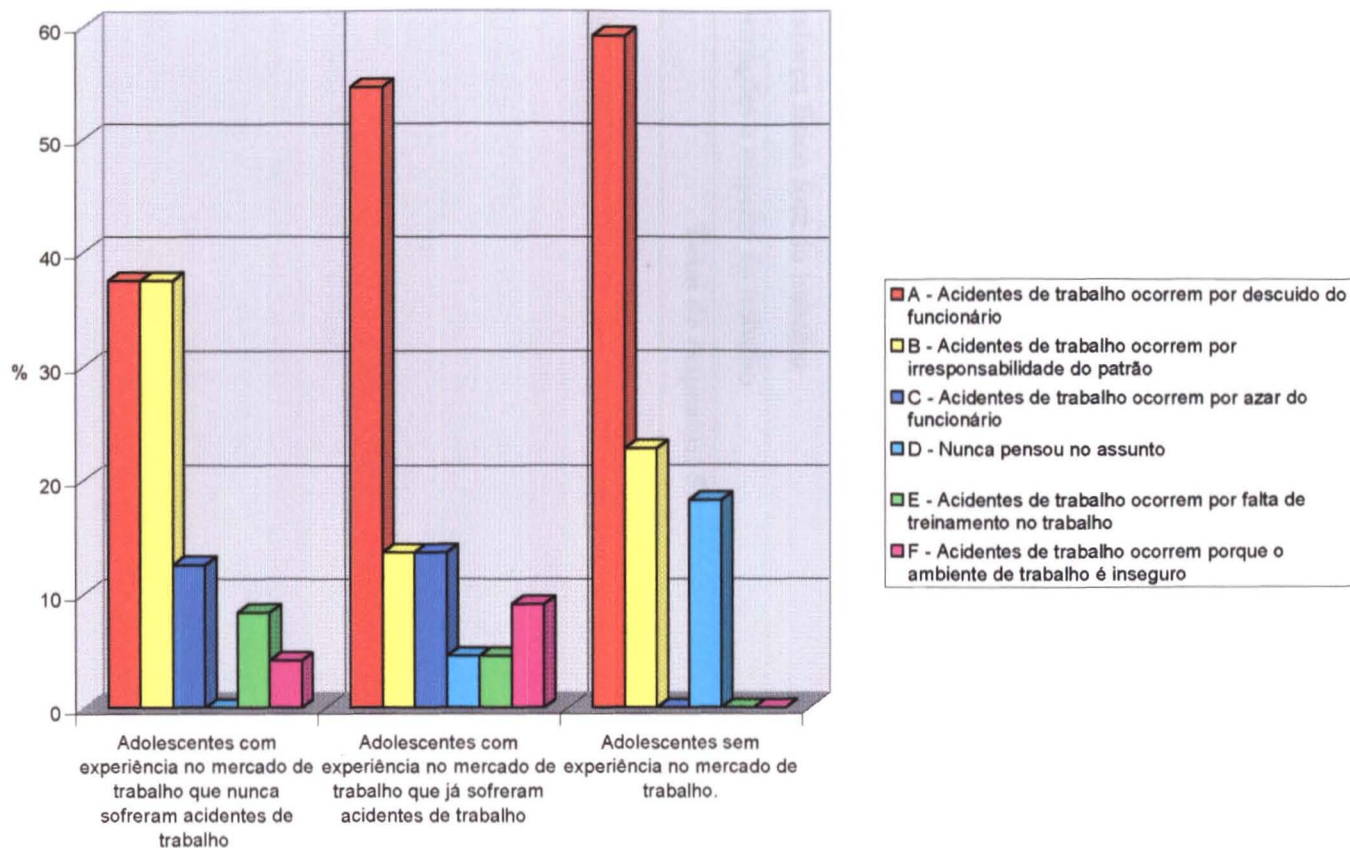
Para os **adolescentes com experiência no mercado de trabalho que sofreram acidentes de trabalho**, 54,5% acredita que os acidentes de trabalho ocorrem por descuido do funcionário. Para 13,6% os acidentes de trabalho ocorrem por irresponsabilidade do patrão, 13,6% por azar do funcionário, 4,6% por falta de treinamento no trabalho e 9,1% porque acha o ambiente de trabalho inseguro; 4,6% nunca pensou sobre o assunto.

Para os **adolescentes sem experiência no mercado de trabalho**, 59,1% acredita que os acidentes de trabalho ocorrem por descuido do funcionário. Para 22,7% os acidentes de trabalho ocorrem por irresponsabilidade do patrão, 18,2% nunca pensou no assunto (figura 4).

Quadro 6 – Número e porcentagens das idéias centrais dos adolescentes com experiência no mercado de trabalho que nunca sofreram acidentes de trabalho (C EXP NAT), que já sofreram acidente de trabalho (C EXP AT) e sem experiência no mercado de trabalho (S EXP) sobre a opinião do porque ocorrem acidentes de trabalho.

Idéias Centrais		C EXP NAT		C EXP AT		S EXP	
		n	%	n	%	n	%
A	Acidentes de trabalho ocorrem por descuido do funcionário	9	37,5	3	13,6	5	22,7
	Acidentes de trabalho ocorrem por irresponsabilidade do patrão	3	12,5	3	13,6	0	0,0
C	Acidentes de trabalho ocorrem por azar do funcionário	9	37,5	12	54,5	13	59,1
D	Nunca pensou no assunto	2	8,3	1	4,6	0	0,0
E	Acidentes de trabalho ocorrem por falta de treinamento no trabalho	1	4,2	2	9,1	0	0,0
F	Acidentes de trabalho ocorrem porque o ambiente de trabalho é inseguro	0	0,0	1	4,6	4	18,2
<b>Total de respostas:</b>		<b>24</b>		<b>22</b>		<b>22</b>	

FIGURA 4 – Porcentagens idéias centrais dos adolescentes com experiência no mercado de trabalho que nunca sofreram acidentes de trabalho (C EXP NAT), que já sofreram acidente de trabalho (C EXP AT) e sem experiência no mercado de trabalho (S EXP) sobre a opinião do porque ocorrem acidentes de trabalho.



**3ª questão: O que você faz para evitar que ocorram acidentes de trabalho com você (quadro 7)?**

A fim de evitar que ocorram acidentes de trabalho, 35,6% dos entrevistados prestam atenção no que estão fazendo, 13,6% usam equipamento de proteção individual, 6,8% evitam os riscos no trabalho, 1,7% evitam fazer esforço físico fora do trabalho e 1,7% procuram informações a respeito do trabalho. Os demais não fazem nada para evitar os acidentes (23,6%) ou nunca pensaram no assunto (17,0%).

Quadro 7 - Número e porcentagens das idéias centrais dos adolescentes sobre a opinião do que fazem para evitar os acidentes de trabalho.

<b>Idéias Centrais</b>		<b>n</b>	<b>%</b>
<b>A</b>	Presta atenção	<b>21</b>	<b>35,6</b>
<b>B</b>	Não faz nada	<b>14</b>	<b>23,6</b>
<b>C</b>	Nunca pensou nisso	<b>10</b>	<b>17,0</b>
<b>D</b>	Usa equipamentos de proteção	<b>8</b>	<b>13,6</b>
<b>E</b>	Evita os riscos	<b>4</b>	<b>6,8</b>
<b>F</b>	Evita fazer esforço físico fora do trabalho	<b>1</b>	<b>1,7</b>
<b>H</b>	Procura informações a respeito do trabalho	<b>1</b>	<b>1,7</b>
<b>Total de respostas: 59</b>			



**ADOLESCENTES COM EXPERIÊNCIA NO MERCADO DE TRABALHO E SEM EXPERIÊNCIA NO MERCADO DE TRABALHO (quadro 8).**

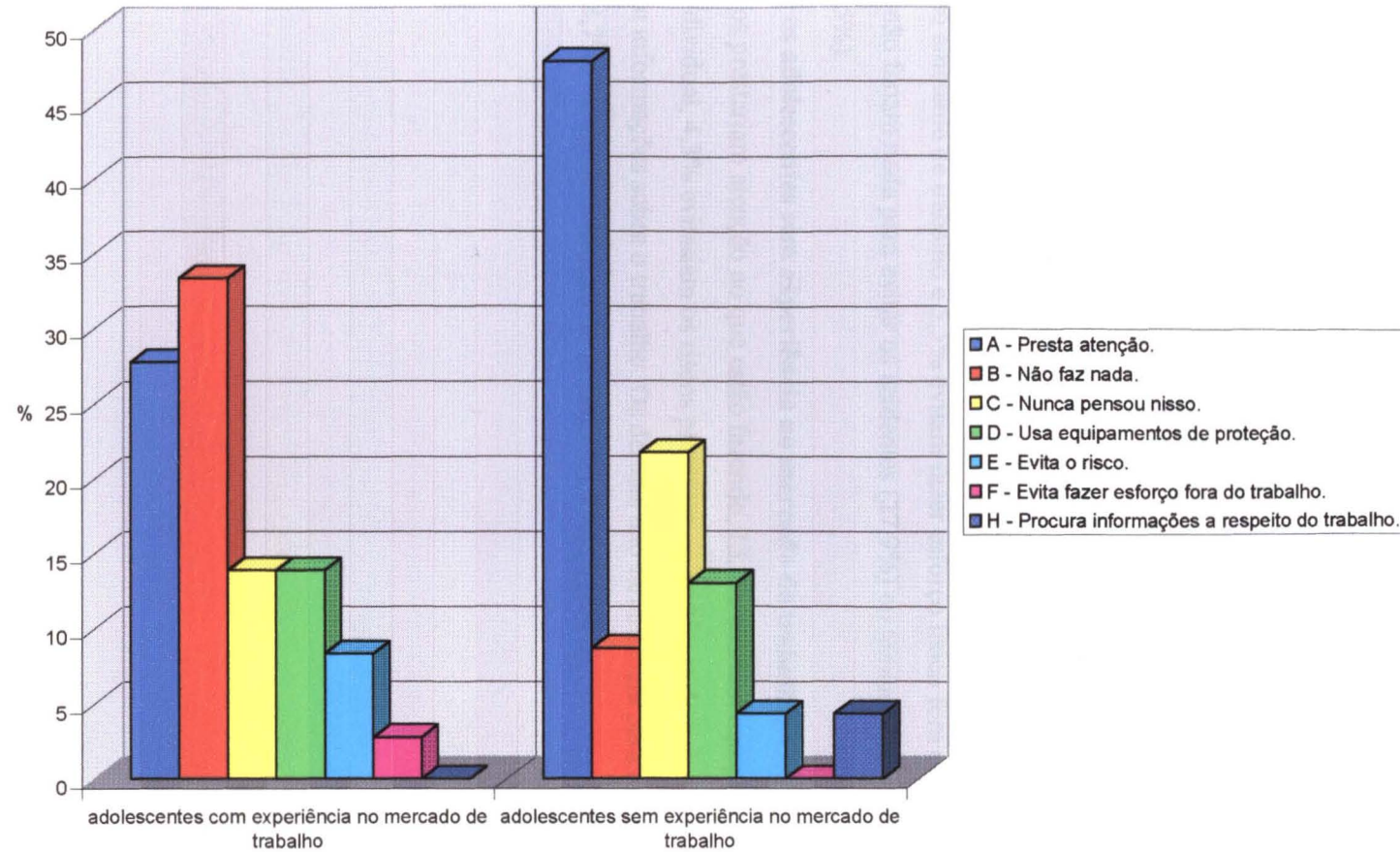
Entre os **adolescentes com experiência no mercado de trabalho**, 27,8% dos entrevistados prestam atenção no que estão fazendo, 13,9% usam equipamento de proteção individual, 8,3% evita os riscos no trabalho, 2,8% evita fazer esforço físico fora do trabalho. Os demais não fazem nada para evitar os acidentes (33,3%) ou nunca pensaram no assunto (13,9%).

Entre os **adolescentes sem experiência no mercado de trabalho**, 47,8% dos entrevistados prestariam atenção no que estão fazendo, 13,2% usariam equipamento de proteção individual, 4,3% evitariam os riscos presentes no ambiente de trabalho e 4,3% procurariam informações sobre o trabalho. Os demais não fariam nada para evitar os acidentes (8,7%) ou nunca pensaram no assunto (21,7%) (figura 5).

Quadro 8 – Número e porcentagens das idéias centrais dos adolescentes com experiência no mercado de trabalho (C EXP) e sem experiência no mercado de trabalho (S EXP) sobre a opinião do que fazem para evitar os riscos presentes no ambiente de trabalho.

Idéias Centrais dos adolescentes com experiência no mercado de trabalho		C EXP		S EXP	
		n	%	n	%
<b>A</b>	Presta atenção	10	<b>27,8</b>	11	<b>47,8</b>
<b>B</b>	Não faz nada	12	<b>33,3</b>	2	<b>8,7</b>
<b>C</b>	Nunca pensou nisso	5	<b>13,9</b>	5	<b>21,7</b>
<b>D</b>	Usa equipamentos de proteção	5	<b>13,9</b>	3	<b>13,2</b>
<b>E</b>	Evita os riscos	3	<b>8,3</b>	1	<b>4,3</b>
<b>F</b>	Evita fazer esforço físico fora do trabalho	1	<b>2,8</b>	0	<b>0,0</b>
<b>H</b>	Procura informações a respeito do trabalho	0	<b>0,0</b>	1	<b>4,3</b>
<b>Total de respostas:</b>		<b>36</b>		<b>23</b>	

FIGURA 5 – Porcentagens idéias centrais dos adolescentes com experiência no mercado de trabalho (C EXP) e sem experiência no mercado de trabalho (S EXP) sobre a opinião do que fazem para evitar os riscos presentes no ambiente de trabalho.



**ADOLESCENTES COM EXPERIÊNCIA NO MERCADO DE TRABALHO QUE NUNCA SOFRERAM ACIDENTES DE TRABALHO, ADOLESCENTES COM EXPERIÊNCIA NO MERCADO DE TRABALHO QUE SOFRERAM ACIDENTES DE TRABALHO E ADOLESCENTES NÃO TRABALHADORES (quadro 9).**

Entre os **adolescentes com experiência no mercado de trabalho que nunca sofreram acidentes de trabalho**, 16,7% dos entrevistados prestam atenção no que estão fazendo, 16,7% usam equipamento de proteção individual, 5,5% evita os riscos no trabalho. Os demais não fazem nada para evitar os acidentes (38,9%) ou nunca pensaram no assunto (22,2%).

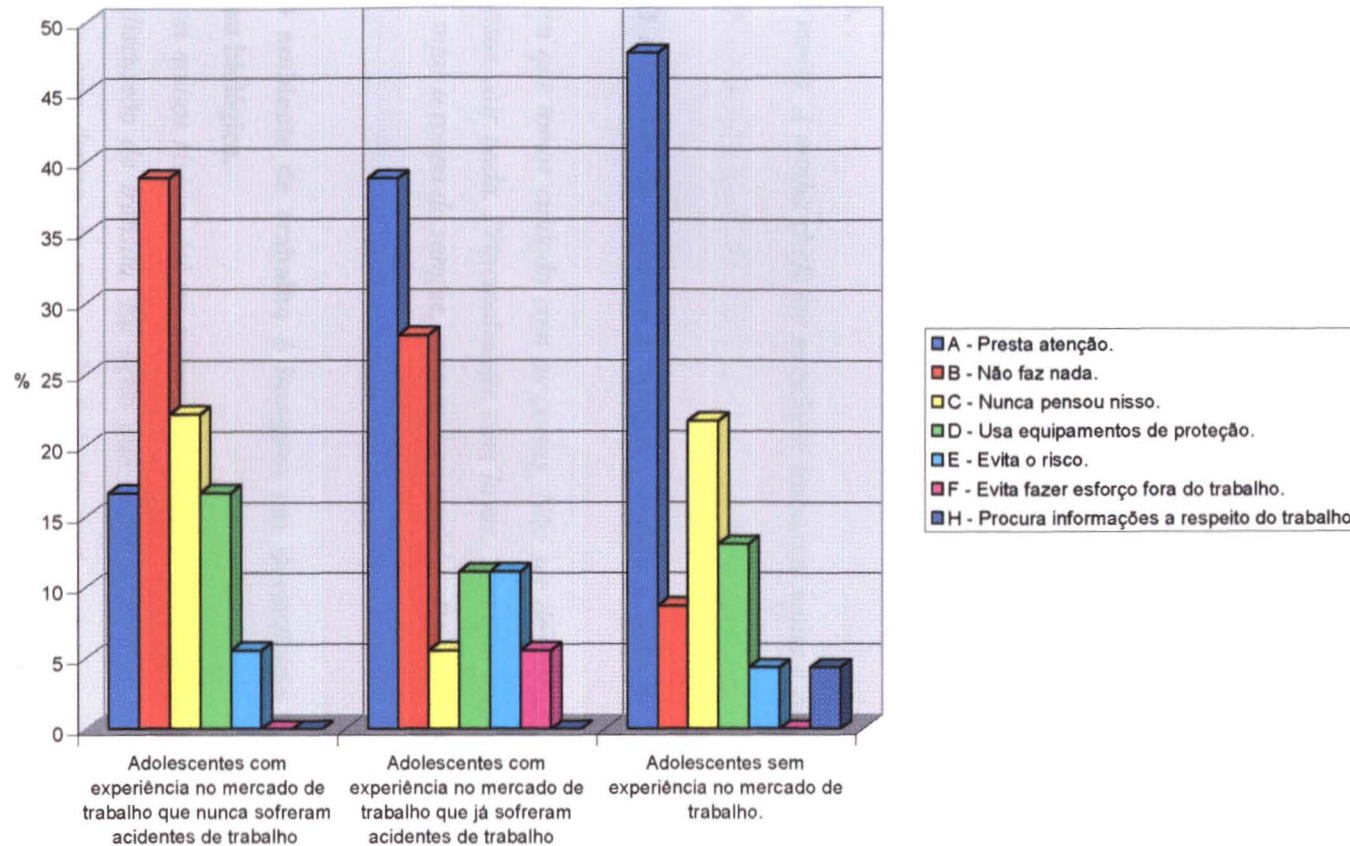
Entre os **adolescentes com experiência no mercado de trabalho que sofreram acidentes de trabalho**, 38,9% dos entrevistados prestariam atenção no que estão fazendo, 11,1% usariam equipamento de proteção individual, 11,1% evitariam os riscos presentes no ambiente de trabalho e 5,5% evitam fazer esforço físico fora do trabalho. Os demais não fariam nada para evitar os acidentes (27,9%) ou nunca pensaram no assunto (5,5%).

Entre os **adolescentes sem experiência no mercado de trabalho**, 47,8% dos entrevistados prestariam atenção no que estão fazendo, 13,2% usariam equipamento de proteção individual, 4,3% evitariam os riscos presentes no ambiente de trabalho e 4,3% procurariam informações sobre o trabalho. Os demais não fariam nada para evitar os acidentes (8,7%) ou nunca pensaram no assunto (21,7%) (figura 6).

Quadro 9 – Número e percentagens das idéias centrais dos adolescentes com experiência no mercado de trabalho que nunca sofreram acidentes de trabalho (C EXP NAT), que já sofreram acidente de trabalho (C EXP AT) e sem experiência no mercado de trabalho (S EXP) sobre a opinião do que fazem para evitar os riscos presentes no ambiente de trabalho.

Idéias Centrais dos adolescentes com experiência no mercado de trabalho que nunca sofreram acidente de trabalho		C EXP NAT		C EXP AT		S EXP	
		n	%	n	%	n	%
A	Presta atenção	3	16,7	7	38,9	11	47,8
B	Não faz nada	7	38,9	5	27,9	2	8,7
	Nunca pensou nisso	4	22,2	1	5,5	5	21,7
D	Usa equipamentos de proteção	3	16,7	2	11,1	3	13,0
E	Evita os riscos	1	5,5	2	11,1	1	4,3
F	Evita fazer esforço físico fora do trabalho	0	0,0	1	5,5	0	0,0
H	Procura informações a respeito do trabalho	0	0,0	0	0,0	1	4,3
<b>Total de respostas:</b>		<b>18</b>		<b>18</b>		<b>23</b>	

FIGURA 6 – Porcentagens idéias centrais dos adolescentes com experiência no mercado de trabalho que nunca sofreram acidentes de trabalho (C EXP NAT), que já sofreram acidente de trabalho (C EXP AT) e sem experiência no mercado de trabalho (S EXP) sobre a opinião do que fazem para evitar os riscos presentes no ambiente de trabalho.



## **5.2. Discurso do sujeito coletivo (DSC)**

Para a construção dos discursos optou-se por trabalhar com dois grupos: adolescentes com experiência no mercado de trabalho e adolescentes sem experiência no mercado de trabalho. Isso porque os discursos dos adolescentes que sofreram acidentes de trabalho e não sofreram acidentes de trabalho eram muito semelhantes.

### **1ª QUESTÃO: QUAL A SUA OPINIÃO SOBRE A SEGURANÇA EM SEU LOCAL DE TRABALHO?**

Para os adolescentes **sem** experiência no mercado de trabalho foram obtidos os seguintes DCSs:

**Idéia central: O ambiente de trabalho é seguro.**

*“Eu acho que não teria nenhum risco. Eu nunca ouvi nada sobre acidente de trabalho em escritório. Eu acho que não apresenta nenhum perigo aparente.”*

**Idéia central: o ambiente de trabalho é inseguro em decorrência de questões organizacionais.**

*“Eu trabalharia muito. A minha chefe me mandaria trabalhar muito e eu ficaria muito cansado.”*

**Idéia central: O ambiente de trabalho é inseguro devido a falta de cuidados do trabalhador.**

*“Eu acho que tem que tomar cuidado com as coisas. Não ser desastrado na hora do trabalho, não deixar cair nada. Principalmente com luvas. Tem que usar individual e jogar no lixo. Se sujar a roupa de sangue, joga no lixo também. Para não ter problema, nem contato.”*

**Idéia central: O ambiente de trabalho é inseguro em decorrência do ambiente físico, químico ou biológico.**

*“Eu acho que tem muitos riscos. Até no trânsito você corre o risco de ser assaltada, bater o carro, discussão de trânsito. Eu acho que nenhum serviço hoje em dia é totalmente seguro, nem dentro de uma sala fechada você está fora de risco. Por exemplo, em lojas tem aqueles vidros, dá para se machucar neles, machucar o dedo.”*

*Professores de escola, eu acho que usa muito a voz, aí tem que ser um lugar muito ventilado porque se o lugar for muito calor e tiver um lugar com ar condicionado é lógico que você vai sentir uma diferença. Então a sua pressão pode abaixar, se você não tiver se alimentado, ou se for beber alguma coisa gelada e pode ter alguma irritação na garganta... “*

Para os adolescentes **com** experiência no mercado de trabalho foram obtidos os seguintes DSCs:

**Idéia central: O ambiente de trabalho é seguro**

*“Eu acho que é um local seguro. Eles se preocupam com a gente, são atenciosos. Quando acontece alguma coisa eles chamam a pessoa, vê se é grave. Tem uma caixinha que ferimentos, eles passam um spray... Lá também tem campanha, tem a CIPA contra acidentes de trabalho... Eu acho que até tem um problema, mas acho que é um problema que todo mundo que mexe com computador tem, é em relação a tendinite, que é movimento repetitivo com a mão. Eu acho que por isso as pausas são importantes. Mas também.. é trabalho repetitivo... eu acho que se você trabalha muito tempo com isso não como não ter... os meus chefes se preocupam com isso. Eles até colocaram aquela tal de ginástica laboral. É um tipo de ginástica que você faz para várias coisas. Mas parece que eu estou perdendo o meu tempo fazendo isso. Mas eu sei que é importante... você não é obrigado a fazer, mas se você não faz eles te encham o saco. Além disso, lá era um lugar limpo, sem sujeira, porque tinha uma empregada que faxinava todos os dias o computador. Microfone cada um tinha o seu. Questões de higiene era tudo OK. Não tinha nada, segurança tem bastante, tem extintores de incêndio em todos os lugares, temos segurança particular. Também tinha a tela era um pouquinho pretinha para não dar tanto cansaço nas vistas e a cadeira era confortável. E também tem algumas áreas que a gente não é experiente, a gente não pode entrar, algum local que ofereça risco, aí a gente não pode entrar.*

**Idéia central: O ambiente de trabalho é inseguro em decorrência de questões organizacionais.**

*“Eu acho que o ambiente de trabalho deveria ter uma harmonia... com as pessoas falando com você sem falsidade. Todo lugar tem pessoas falsas, mas eu acho que*

*deveria ter uma harmonia, as pessoas conversam com você numa boa, ninguém fica olhando para você com cara feia, de lado. Quando tem algum problema chega em você e fala. Que nem o meu chefe... ele é chato pra caramba. Você não pode parar um segundo porque ele já pega no seu pé, fica falando que a gente está muito relaxado e já começa a arranjar trabalho para você. De vez em quando a gente fica parado, mas é difícil. Tem também duas mulheres lá, que são sócias, mas não são minhas chefes diretas. Elas são sócias, por bondade do chefe, porque o chefe é amigo. Elas são duas pessoas que tentam colocar empecilhos em todo mundo, eles querem alcançar o poder que o chefe tem e acabam colocando defeitos no trabalho de todo mundo e acaba que o meu emprego tem um clima pesado. Eu fico muito cansado mentalmente, porque eu faço muita coisa e eu faço coisa que nem é do meu serviço, nem da minha área, resolvo pepino dali outro daqui, então eu fico muito cansado.”*

**Idéia central: O ambiente de trabalho é inseguro devido a falta de cuidados do trabalhador**

*“Eu acho que não têm riscos, problemas. As pessoas (é) que deveriam tomar mais cuidado com o que fazem. Quando eu me machuco é porque eu sou muito tonta mesmo: quando eu estou subindo a escada, tropeço na escada sozinha, abro a panela de mal jeito e me queimo...”*

**Idéia central: O ambiente de trabalho é inseguro em decorrência do ambiente físico, químico ou biológico**

*“Se você tem cuidado tudo bem. Mas se você não tem, lá é perigoso... porque tem produtos que você mexe que você tem que tomar cuidado. Eu não sei o nome de uma cola, para colar acrílico. Ela é perigosa. Não pode encostar muito na mão. E é ruim também para quem problema de respiração. Eu tenho sinusite. Se eu não usar aquela máscara eu fico espirrando direto...”*

*“Eu considero perigoso. Tem que tomar um monte de cuidado, porque se você entra em contato com o sangue de um paciente... a gente nunca sabe o que ele tem. Também várias vezes que eu ia tirar agulha do carpúlia para colocar a anestesia (no dente), eu tirava e saía a capinha, porque é rosqueada, então a gente tirava, saía a capinha e enfiava no meu dedo. Aquilo lá ardia, eu ficava pensando que era por causa da agulha, mas não, pegava um algodão com álcool e colocava, aí parava. Ainda bem que nunca*



*ficou anestesiado o meu dedo. A gente usava luva, quando tinha cirurgia que a gente tinha que ficar muito em cima da pessoa e tinha todos aqueles instrumentos cortantes, tinha sangue do paciente, a gente usava também uma máscara descartável, instrumentos quentes, a gente pegava com uma agulha como se fosse um pinça só que ela é maior... era só isso mesmo, não tinha muita coisa. Você tem que tomar muito cuidado com os instrumentos que já foram usados. Você tem que usar luvas, principalmente quando tiver sangue, quando não tinha sangue ou foi pouco usado eu nem usava muito... mas eu pegava só pelas bases, onde não foi usado... quando era cirurgia ou então extração, a gente chama de "extraction" a gente tinha que flambar a bandeja, tinha que deixar num local longe das coisas para não pegar fogo, não podia deixar perto de álcool, a gente tinha que tomar muito cuidado com as próteses que são de gesso se cair no chão quebra."*

*"Eu acho que devia ter luva, botas, avental... Eu até tenho avental, mas eu não gosto. Eu gosto de molhar a barriga quando eu estou lavando a louça. É mania. Eu queria ter bota e queria que a faca fosse um pouco menor. É porque é faca de cozinheiro... Outro dia estava no banheiro e cai. É perigoso porque posso quebrar a cara, pescoço, cortar o dedo... Tenho várias marcas de corte com a faca. Eu me machuco toda. Também tenho marca porque me queimei no ferro. A minha barriga tem uma marca porque caiu água fervendo, quando eu fui fazer café, aí ficou cheio de bolhas. Tenho também uma marca de quando eu cai no banheiro. Estava lavando o banheiro com cândida e sabão. Eu fui lavar e cai... e de ficar mexendo com sabão, as minhas unhas ficaram com unheiro (micose)."*

*"Se fosse eu faria uma reforma. Colocava restaurante moderno de hoje em dia. Porque lá já é tudo bem antigo... Com equipamentos, máquinas, de cortar frios, lanches. Colocar uma chapa mais nova. A faca é um tipo de perigo, os pratos de vidros, os fornos quentes, muitas vezes, no começo, eu me queimava, hoje mesmo sem querer eu quebrei um prato, quase que o vidro... cortando o meu rosto. Eu já me cortei com a faca... já aconteceu, de eu estar abrindo o leite ou café ou um açúcar, sem querer passar no meu dedo, já aconteceu essas coisinhas assim simples."*

*"Tem perigo sim. Na minha empresa eles trabalham muito com caixas, tem subir escada com caixas, descer escada com caixas, pra gente preparar os documentos, então*

*eu acho que tem um certo risco nessa atividade, você pode cair com caixa pesada da escada.”*

*“È meio complicado, porque às vezes no lugar que tem bastante segurança acaba acontecendo, acho que nada no mundo é seguro o bastante, basta à gente tomar cuidado, uma hora ou outra acaba acontecendo realmente. Além disso lá precisaria ter mais organização. Tem muita coisa, chega muita coisa, não dá para fazer tudo. Precisaria de mais pessoas.”*

*“No meu trabalho tem problemas como: pegar algum fogo nos fios, ou alguma coisa assim... Mas é muito difícil dar problemas assim, tipo curto circuito. Também a gente usa muito a voz, e no fim do dia a minha voz fica assim. Na verdade ela é bem mais suave. Mas chega no fim do dia ela fica desgastada, fica rouca. Além disso, por exemplo, se você trabalha em um computador, e você não tem protetor de tela nem se acomoda direito, pode ter dor de coluna, problema nas vistas. Muitas coisas assim. Não é acidente, mas prejudica. Tem tendinite, tem varias coisas. Mas eu acho que um problema que todo mundo que mexe com computador tem, que é em relação a tendinite, movimento repetitivo com a mão. Por isso Mas, eu acho que as pausas são importantes. Mas acho que é trabalho repetitivo... eu acho que se você trabalha a muito tempo com isso não como não ter. Os meus chefes até se preocupam com isso. Eles colocaram aquela tal de ginástica laboral. É um tipo de ginástica que você faz para várias coisas... Não falo que eu gosto não porque eu vejo aquele bando contatos... é que eu sou muito preocupada em relação a isso. Então eu vejo aquele bando de contatos e eu estou perdendo o meu tempo aqui, fazendo isso. Mas eu sei que é importante... Você não é obrigado, mas se você não faz eles te enchem o saco. O ruim de lá também é que é frio. Não importa o dia, a estação. É ar condicionado ligado. Tem também o headphone. Se você não souber usá-lo, ele traz problemas sim, porque têm pessoas que usam ele no ouvido só o dia inteiro e o certo é você usar um pouquinho ( de cada lado)... duas horas aqui, duas horas aqui.”*

**Idéia central: Ninguém se preocupa com esse tema.**

*“Ninguém se preocupa muito com isso... ninguém pergunta, ninguém fala nada, daí a gente fica naquela.”*

## **2ª QUESTÃO: POR QUE OCORREM ACIDENTES DE TRABALHO?**

Para os adolescentes **sem** experiência no mercado de trabalho foram obtidos os seguintes DCSs:

### **Idéia central: Nunca pensou no assunto**

*“Não sei, não faço a mínima idéia.”*

### **Idéia central: Acidentes de trabalho ocorrem por irresponsabilidade do patrão.**

*“Por falta de cuidado, na maioria das vezes do chefe. Eles não fazem as coisas direito, às vezes para economizar dinheiro. Eles não informam direito as pessoas, não dão equipamentos de segurança. Nesse caso é irresponsabilidade das pessoas que estão fazendo as máquinas. Se eu vou trabalhar e estou com um carro (carrinho) que levanta peso, depende do peso que vai carregar. O carro pode não agüentar e a pessoa vai se ferir. Nesse caso é culpa do chefe, porque é ele que manda.”*

### **Idéia central: Acidentes de trabalho ocorrem por descuido do funcionário.**

*“Por falta de cuidado da pessoa que é descuidada. Fica nervosa, não se cuida, não se previne, não tem cuidado. Tem gente que fica muito distraída, não presta atenção no que está fazendo. Por exemplo, um metalúrgico. Se não tiver prestando atenção no que está fazendo pode se queimar... No caso do Lula, por exemplo, eu acho que foi descuido dele. Não foi a máquina... ele se descuidou e ficou com o dedo mutilado. Na hora do trabalho tem que esquecer das preocupações de casa e se preocupar só com as coisas do trabalho.”*

Para os adolescentes **com** experiência no mercado de trabalho foram obtidos os seguintes DCSs:

### **Idéia central: Acidentes de trabalho ocorrem por descuido do funcionário.**

*“Acontece quando a pessoa está distraída, desligada, conversando. Está com sono e quer fazer tudo rápido... pode ser falta de atenção também por problemas emocionais, porque, por mais que a gente diga que a gente não deve misturar trabalho com vida pessoal, uma coisa influencia a outra. Se a gente está animada na vida pessoal a gente trabalha com mais gosto, mesmo se a gente não goste daquele trabalho a gente se sente*

*mais vivo... Acidente de trabalho acontece também por causa do cansaço, porque quando a pessoa está cansada ela se distrai. Quando sabe que aquilo é perigoso, tem que dar mais atenção. Que nem, se o cara está operando uma máquina e acontece alguma coisa a culpa é dele porque ele deveria estar programando a máquina. Foi um erro técnico. Tem também outras pessoas que fazem muito esforço para se mostrar superior, ou ser puxa saco. Por exemplo: eu vou fazer isso melhor, para aparecer. Tem gente que faz isso e acaba se prejudicando. Por exemplo, uma pessoa que trabalha em uma produção, ela pode pegar uma tendinite, alguma doença no braço. Uma outra pessoa, que não se esforça tanto, ganha o mesmo que ela, faz a mesma coisa e não passa por isso. Tem também funcionário que abusa do que está fazendo. Vê que não dá para fazer uma coisa e tenta forçar. Eu tenho um tio que já sofreu acidente de trabalho. Quase perdeu a ponta do dedão. Ele estava mexendo em uma máquina, em uma prensa. O papel travou e ao invés dele parar a maquina para tirar o papel que travou ele tirou com a maquina ligada. Foi descuido da pessoa. Tem vezes também que o patrão até fornece equipamento de segurança, mas o funcionário não gosta de usar. Ai é culpa de funcionário, que não quer usar equipamento de segurança. No caso de ficar digitando, eu sei que isso dá tendinite, mas tem um motivo para dar tendinite. Se você digita com os braços abaixados vai te dar tendinite. Se o seu braço ficar apoiado na mesa, não vai te dar tendinite. Ou, por exemplo, se o cara trabalha numa área de construção, todo mundo tem que usar capacete e de repente ele infringi a regra e não vou usar, aí aconteceu alguma coisa, cai alguma coisa na cabeça dele, então quer dizer que a empresa não pode se responsabilizar se ele errou. Ele não seguiu a regra, por exemplo se ele estivesse de capacete, nada aconteceria. Tem também quem trabalha na rua. Se você está na rua, e não está atento, em qualquer lugar, você vai acabar sofrendo acidente ou sendo assaltado. A pessoa tem que ficar esperta.”*

**Idéia central: Nunca pensou no assunto**

*“Sei lá. “*

**Idéia central: Acidentes de trabalho ocorrem por azar do funcionário**

*“Acidente de trabalho é azar, destino, deu zica no dia. Eu não vou dizer que é culpa da pessoa nem culpa do empregador, eu acho que é coisa do destino da pessoa, se tiver que acontecer vai acontecer. Quando trabalha com arqueologia por exemplo. Se enfia embaixo da terra, capota barranco em cima dela. Não seria culpa de ninguém, porque*

*ai é coisa da natureza. Com uso de equipamentos ela pode até sobreviver. Mas ela não vai adivinhar que vai cair o barranco.”*

**Idéia central: Acidentes de trabalho ocorrem por irresponsabilidade do patrão.**

*“Eu acho que o problema é dos empresários. Eles não querem saber como está a saúde dos funcionários, eles só querem que o funcionário produza. Eles não dão a segurança necessária para o funcionário. Em obras, não fornece capacete, luva, coisas básicas de uma obra. Tem uma firma de cromar que um primo meu trabalha. Lá tem uma máquina de cromar. Ele quase perdeu o braço ali. A firma não dava equipamento de segurança, essas coisas. Eles não estavam nem aí. Eles não pensam nos empregados. É o que a gente sempre vê. Tem também essas fábricas que tem que trabalhar pesado. A minha tia que já trabalhou no Japão, ela já sofreu acidente porque o carro de peças virou em cima dela. Ela teve que se apoiar e o dedo dela veio para dentro. E ninguém liga, não tem direito a nada. Para eles só importa o lucro e não os empregados. Muitas vezes também os responsáveis (patrões) não analisam direito os equipamentos e esperam acontecer (o acidente) para resolver o problema. Um exemplo, se ele está de capacete acontece alguma coisa, cai alguma coisa na cabeça dele, mas o capacete não é resistente o suficiente para amortecer a devida queda, então eu acho que seria culpa da empresa que não seguiu os padrões da segurança daquele utilitário que proporcionaria proteção.”*

**Idéia central: Acidentes de trabalho ocorrem por falta de treinamento no trabalho.**

*“Falta de informação da pessoa. Eu acho que é o principal motivo, porque... faltam palestras, esse tipo de coisa que fale sobre isso. Também falta informação dos funcionários para cobrar os equipamentos. As pessoas tinham que ensinar, explicar para o funcionário: isso aqui se mexe assim... Não chegar e já ir mexendo. As pessoas têm que conhecer, saber lidar, explicar... E assim vão sendo as coisas... Tem que ter treinamento para o trabalho.”*

**Idéia central: Acidentes de trabalho ocorrem porque o ambiente de trabalho é inseguro.**

*“É porque o ambiente de trabalho não traz segurança, causa acidentes. é perigoso... por exemplo, mexer com ferro, ou em um lugar escorregadio. No meu trabalho é por causa da organização. Se fosse mais organizado ia ser melhor. A gente trabalha muito*

*com caixas, tem subir escada com caixas, descer escada com caixas pra gente preparar os documentos, então eu acho que tem um certo risco nessa atividade, você pode cair com caixa pesada da escada.”*

### **3ª QUESTÃO: O QUE VOCE FAZ PARA EVITAR QUE OCORRAM ACIDENTES DE TRABALHO COM VOCÊ?**

Para os adolescentes **sem** experiência no mercado de trabalho foram obtidos os seguintes DCSs:

#### **Idéia central: Presta atenção.**

*“Eu tentaria fazer as coisas mais certo. Para não acontecer nada. Quem faz as coisas errado se machuca. E também tomaria cuidado onde eu fosse, prestaria mais atenção nas coisas que eu tiver fazendo. Quando você está no ambiente de trabalho, tem que estar com a cabeça concentrada ali e não em outras coisas, que você tem que deixar para pensar quando estiver lá fora e não no trabalho. Também a pessoa não pode trabalhar só por causa do dinheiro. Tem que encontrar o serviço que você goste. Eu acho que fazer o que gosta evita acidentes de trabalho na maioria das vees, porque se pessoa tiver com uma vontade de trabalhar ele vai se prevenir melhor, tomar mais cuidado.”*

#### **Idéia central: Usa equipamentos de proteção.**

*“Teria que ter tela no computador, madeira para digitar, capacete, luva, botas. Algumas coisas essenciais para o trabalho. Eu também trocaria sempre de luvas, de roupa, avental. Para não ter contato com nada.”*

#### **Idéia central: Nunca pensou nisso**

*“Eu evitaria, mas eu não tenho a mínima idéia como, porque nunca pensei nisso antes. Mas eu acho que lá não teria nada para eu sofrer acidente de trabalho.”*

#### **Idéia central: Não faz nada**

*“Onde eu vou trabalhar nada. Mesmo porque eu acho meio difícil, não tem nenhum problema aparente. Capacete para entrar no escritório? Eu acho que não.”*

**Idéia central: Evita o risco.**

*“Eu tentaria evitar o que vai me prejudicar...”*

Para os adolescentes com experiência no mercado de trabalho foram obtidos os seguintes DCSs:

**Idéia central: Presta atenção.**

*“Eu faço o trabalho correto. Por exemplo, quando você vai mexer em um computador, você não fazer isso com ele ligado na energia. Tem que desligar na tomada. Também tem que mexer as coisas com cuidado, ser atencioso, não ficar correndo muito para fazer as coisas, cada coisa no seu lugar. Por exemplo, quando alguém está mexendo na máquina eu saio de perto. Eu só fico de olho em tudo. Fico de olho nos materiais, se ele cair em cima. É bom você fazer as coisas com pressa, porque vai mais rápido, porque tem cliente que não gosta de esperar, mas é bom você tomar um pouco de cuidado, porque acaba sendo ruim pra você ou até mesmo para o cliente. Eu também converso com o chefe, vejo o que pode acontecer, vejo uma pessoa que já trabalhou ali. Antes de entrar no trabalho já ficar sabendo dos riscos... E quando eu estou na rua, sempre fecho a cara. Coloco um óculos na cara, fecho o boné. Tem que andar com a cabeça sempre erguida, porque se não corre risco de ser assaltado. Tem que ficar sempre atento.”*

**Idéia central: Não faz nada**

*“Não, porque não tem nem como. Lá não tem como ter acidente de trabalho. A gente não mexe com máquina, esses negócios que podem acontecer alguma coisa. A empresa me dá boas condições de trabalho. Só se for cair da escada, mas eu subo segurando direitinho. Até agora eu nunca escorrei em nada...”*

**Idéia central: Nunca pensou nisso**

*“Eu não presto muita atenção nisso, pra ser sincero, eu não penso nessas coisas, a gente tenta não pensar. Nunca me preocupei porque nunca exerci uma função com tamanho perigo. Tem segurança com outros tipos de funcionários, que trabalham em outros setores. Por exemplo, o pessoal da limpeza, eles mexem em produtos de limpeza*

*com luvas de borracha especial... comigo não acho que seja necessário, porque o pessoal toma tanto cuidado, que ninguém pensa em acidente. Eu acho que é mal de ser humano. Quando você está em um lugar que te passa segurança você não se preocupa muito com essas coisas.”*

**Idéia central: Usa equipamento de proteção.**

*“Tem aquela tela de proteção no monitor. Acho que aquilo ajuda um pouco para a visão. Também tento ficar com a postura certa na hora de sentar... também eu não trabalho com as mãos abaixadas. Eu deixo sempre as mãos apoiadas no suporte...”*



## **6. Discussão**

### **6.1. Sobre a metodologia**

Para a análise dos dados optou-se utilizar a metodologia do “Discurso do Sujeito Coletivo”. O software “Qualiquanti” mostrou-se uma ferramenta eficiente e de baixo custo. Através da sua utilização foi possível a construção dos discursos coletivos, separados por diferentes grupos (com experiência no mercado de trabalho e sem experiência; sofreu acidente de trabalho ou não sofreu) e idéias centrais. Tal software é capaz de separar os indivíduos em grupos de idéias centrais semelhantes. Entretanto, cabe ao pesquisador elaborar e identificar as idéias centrais e, em seguida montar os discursos. Dessa forma, é o pesquisador quem seleciona as partes do discurso a serem incluídas ou não, nos discursos finais.

### **6.1. Trabalho de adolescentes**

No presente estudo grande parte dos estudantes relatou estar inserido no mercado de trabalho (84%). Frequentemente começaram a trabalhar com idade entre 14-16 anos (41,8%) e entre 17-18 anos (30,4%). Apenas 7,6% dos adolescentes começaram a trabalhar entre 19-21 anos. Normalmente trabalhavam em locais como escritórios, comércio e na sua própria casa, exercendo funções de doméstica, auxiliar geral, office boy/girl e recepcionista/secretária. Estudos mostram que aproximadamente 80% dos estudantes do ensino médio trabalham ou já trabalharam, geralmente em locais como restaurantes *fast-food*, supermercados e em casa de família (Cooper, *et al.*, 1999; Weller *et al.*, 2003; Runyan e Zakocs; 2000; Santana *et al.*, 2004b, UNICEF, 2002). Diversos ramos de atividades empregam jovens trabalhadores, sendo que comércio e serviços são os responsáveis pela contratação da maioria dos adolescentes estudados. Entre os adolescentes do sexo feminino é freqüente executarem tarefas dentro da sua casa como domésticas (limpar a casa, lavar louça, passar roupa, lavar o chão, lavar a louça e cuidar de irmãos mais novos) (Santana *et al.*, 2003a). Nos serviços domésticos, o uso de mão-de-obra infantil é comum e bem aceita no país, como auxiliares domésticos realizando pesadas tarefas, por longas horas, e com vencimentos muito baixos ou ausentes. É sabido que mesmo esse tipo de ocupação limita as suas oportunidades de educação e o futuro profissional dos jovens. (Abreu, 2002). No caso dos meninos, é freqüente encontrar adolescentes trabalhando em

serviços tais como os de “office-boys”, “guardas”, ajudantes em supermercados, como balconistas em lojas, padarias, oficinas mecânicas, borracharias, residências e escritórios (Athias, 1998).

Neste presente estudo foi observada que a maioria dos estudantes com experiência no mercado de trabalho, estava dentro da faixa etária de 16 a 18 anos de idade (92,4%). Santana *et al.* (2003a) verificaram que aos 14 anos de idade a participação dos adolescentes na força de trabalho se intensifica. Essa etapa da vida revela-se como fundamental para a entrada no mercado de trabalho, embora a esta época, os adolescentes ainda não tenham a idade necessária para a conclusão dos estudos no ensino médio. Dessa forma, a entrada precoce no mercado de trabalho pode estar associada com o abandono escolar (especialmente entre os adolescentes do sexo masculino) ou com a migração para o período noturno (para ambos os sexos).

Asmus *et al.* (2004) verificaram o conhecimento sobre o conceito de acidente de trabalho entre adolescentes estudantes de uma escola pública no município do Rio de Janeiro. Segundo essa autora, a frequência à escola não demonstrou diferenças estatisticamente significantes nos padrões de resposta. Em outro estudo realizado no setor rural com adolescentes trabalhadores, não foi encontrada associação estatisticamente significativa entre escolaridade e acidente de trabalho. Esse fato também pode estar relacionado ao pequeno impacto que a educação formal teve na prevenção de acidentes de trabalho (Fehlberg *et al.* 2001). Portanto, pode-se levantar a hipótese de que a escola não está se constituindo em um diferencial para a aquisição de conhecimentos acerca de legislação trabalhista e riscos ocupacionais, sendo estes adquiridos durante o exercício da atividade laborativa. A estes dados soma-se a total falta de políticas públicas de saúde que protejam e informem estes trabalhadores. Tanto o Estado como os Sindicatos não discutem a questão do labor como um ponto crucial na qualidade de vida dos jovens (Asmus *et al.*, 2004). Além disso, como o nível de especialização para a execução das tarefas é pequeno, a escolaridade provavelmente não é uma condição limitante para a sua realização (Fehlberg *et al.* 2001).

## 6.2. Acidentes de trabalho

O trabalho de crianças e adolescentes é um problema mundialmente conhecido. No Estados Unidos, cerca de 20% dos adolescentes trabalhadores ou desempregados já sofreram acidentes de trabalho. Naquele país, o acidente de trabalho é um importante fator de risco associado à mortalidade e morbidade entre adolescentes. Entretanto, raramente é encarado como fator de risco entre os jovens (Cooper *et al.*, 1999; Weller *et al.*, 2003).

No presente estudo 23,5% dos adolescentes que participaram da pesquisa responderam que já sofreram acidentes de trabalho. Entre os acidentes ocorridos, houve o relato de apenas um acidente de trajeto. Os demais foram acidentes típicos. Uma possível explicação para esse fato é que a caracterização do acidente de trajeto, como sendo de trabalho, é menos comum do que aqueles acidentes ocorridos nos locais onde as tarefas estavam sendo realizadas e/ou em outro lugar, a serviço da empresa. Ele aparece em menor proporção nas estatísticas oficiais porque, possivelmente, é confundido como sendo acidente de trânsito e permanece mais sub notificado do que o acidente típico (Silveira, 2003).

Quanto aos acidentes típicos, pressupõe-se que os acidentes ocorridos foram do tipo 1, de Monteau (1992). Entretanto, não foram feitas avaliações detalhadas dos acidentes de trabalho ocorridos ou inspeções nos locais de trabalho. Os acidentados exerciam as funções de doméstica (13,3%), ajudante geral (13,3%) e atendente de lanchonete (20%).

Em um estudo realizado por Fischer *et al.* (2003 b), encontrou-se associado a “machucar no trabalho” exercer as funções de caixa/cobrador, ajudante geral e doméstica. Os dados divulgados pelo INSS (Brasil, 2000) mostraram que entre os adolescentes, o ramo de atividade econômica que registrou o maior número de trabalhadores acidentados foi o comércio (atacadista e varejista), responsável por 58% dos acidentes. Em seguida, o setor de serviços, administração, locação e arrendamento de bens e serviços, responsável por 6,3%, indústria metalúrgica, mecânica e material de transporte (5,4%), entre outros. Esses locais de trabalho são conhecidos pelas precárias condições de trabalho, baixos salários e instabilidade contratual, responsável pela alta rotatividade, gerando desemprego, especialmente entre os jovens (Vieira, 2001).

Cooper *et al.* (1999) realizaram um estudo com adolescentes trabalhadores no estado do Texas-USA para investigar acidentes de trabalho. Neste estudo os autores relataram que

um terço dos acidentes de trabalho com adolescentes ocorrem em estabelecimentos alimentícios como restaurantes, bares, padarias, reforçando a necessidade de programas de intervenção nesses locais de trabalho.

### **6.3. Percepção sobre o risco de sofrer acidentes de trabalho**

Os discursos observados neste estudo mostraram claramente as diferenças de percepção pelas opiniões relatadas pelos adolescentes com experiência no mercado de trabalho. Os adolescentes que nunca trabalharam normalmente possuíam opiniões semelhantes e as relataram em frases curtas. Os adolescentes trabalhadores e desempregados relataram um maior número de opiniões, com maior riqueza de detalhes. Isso pode ser explicado já que os adolescentes trabalhadores e desempregados possuem experiências de trabalhos anteriores e de seus colegas de trabalho, e familiares.

Não foram observadas diferenças nos discursos entre os adolescentes com experiência no mercado de trabalho que sofreram acidentes de trabalho e não sofreram acidentes de trabalho. Esse fato mostra que para os adolescentes, o fato de ter ocorrido o acidente não acrescentou conhecimento sobre formas de prevenção, enfatizando a necessidade de programas de preparação para o trabalho entre os adolescentes, para que eles conheçam seus direitos, riscos no trabalho e as formas de prevenção.

#### **6.3.1. Segurança do local de trabalho**

No presente estudo, entre os adolescentes **com** experiência no mercado de trabalho, 58,9% consideraram o seu local de trabalho um lugar inseguro, devido a: presença de riscos físicos, químicos ou biológicos; questões organizacionais da empresa e devido à falta de cuidados por parte dos trabalhadores. Bazas *et al.* (2002) realizaram um estudo nos Estados Unidos e encontraram uma prevalência de 38% dos estudantes trabalhadores que reconheceram a presença de vários tipos de riscos ocupacionais, entretanto desconheciam métodos de prevenção contra os riscos químicos, físicos, biológicos e mentais. Além disso, os autores observaram que dois terços dos adolescentes estudados desconheciam os efeitos do trabalho na saúde (68%) e não eram capazes de apontarem os tipos de empregos mais saudáveis (66%), desconhecendo métodos preventivos para evitar os riscos presentes no ambiente de trabalho e serviços de saúde ocupacional (73%).

Bazas *et al.* (2004) avaliaram os conhecimentos sobre riscos ocupacionais entre adolescentes. Estes assinalaram em um questionário os fatores que consideravam influenciar na saúde dos trabalhadores e foram classificados, posteriormente, em nível de conhecimento pelos pesquisadores como: ótimo, bom, regular e insuficiente. Entre os 185 estudantes trabalhadores estudados, 42,7% dos adolescentes foram classificados com insuficiente conhecimento sobre o tema, 28,6% com conhecimento regular, 18% com bom conhecimento e 10% com conhecimento avaliado como ótimo.

No nosso estudo, entre os 38,5% que referiram que o seu local de trabalho era seguro, os discursos mostraram-se controversos. Ou seja, os adolescentes conhecem os riscos presentes, entretanto não encaram os ambientes como inseguros. Em estudo realizado por Mbakaya *et al.* (1999) embora 70% dos respondentes disseram que as condições do ambiente de trabalho eram seguras, 39% relataram diversas experiências de problemas psicológicos (que foram incluídos como assuntos de bem-estar). Também foram relatados fatores como falta de promoções, falta de treinamento, baixos salários, pouco tempo para descanso, etc...

Adicionalmente, em um estudo realizado por Fischer *et al.* (2005) os autores apontam a importância entre falta de controle no trabalho e a ocorrência de acidentes de trabalho e menor duração de sono e relato de dores no corpo. Tais autores discutem que não somente os estressores físicos, mas também os psicológicos devem ser levados em consideração quando avaliadas as condições de trabalho de adolescentes, já que esses estão associados às más condições de trabalho e também a efeitos negativos na saúde.

### **6.3.2. Culpa do trabalhador**

Em nosso estudo entre os adolescentes **sem** experiência no mercado de trabalho, 31,7% afirmaram que os locais de trabalho em geral seriam inseguros devido a: presença de riscos físicos, químicos e biológicos, questões organizacionais da empresa e falta de cuidados por parte dos trabalhadores.

Em relação à questão “Por que você acha que ocorrem acidentes de trabalho?” a maior parte dos adolescentes com experiência no mercado de trabalho respondeu que acidentes de trabalho ocorrem devido ao: descuido do funcionário (45,6%),

irresponsabilidade do patrão (26,1%), azar do funcionário (13,0%), devido à falta de treinamento no trabalho (6,5%) e o ambiente de trabalho é inseguro (6,5%).

Expressões como, falta de atenção e cuidados, e negligência, por parte dos trabalhadores, são maneiras subjetivas para descrever os acidentes de trabalho e contribuem para a falta de compreensão dos fatos ocorridos. Isso porque a identificação do indivíduo acidentado como “culpado” impede a busca de outros fatores causais. Diversos autores reafirmam que o erro humano, freqüentemente designado como a principal causa dos acidentes, deve ser cuidadosamente analisado, já que omite mais do que explica os fatos que originaram o acidente, contribuindo para que as situações de perigo nos locais de trabalho não sejam modificadas (Almeida, 2000a, Rasmussen, 1997, Reason, 2000, Woods e Cook, 2002).

Vilela *et al.* (2004) refere-se à falta de adaptação entre o indivíduo e a função exercida no trabalho como a causa de atos inseguros por parte dos trabalhadores que levariam aos acidentes. Esse fato pode ser devido a diferenças individuais, como sexo, idade, tempo de reação aos estímulos, coordenação motora, estabilidade emocional, nível de inteligência, grau de atenção, percepção, entre outras. Além disso, problemas pessoais (familiares, distúrbios emocionais e preocupações), interrupções (chamado de colegas, intercorrência) e/ou excesso de pressão de tempo para a execução das atividades também devem ser levados em consideração (Almeida *et al.*, 2000b; Almeida e Binder, 2004). Segundo Binder e Almeida (1997) os acidentes de trabalho são resultantes de fenômenos sociais, devido à maneira de como estão inseridos os trabalhadores no processo de produção; e expressam correlações de forças existentes na sociedade, configurando fenômenos socialmente determinados. Como parte de programa de promoção à saúde no trabalho, esses autores sugerem que é importante que os trabalhadores obtenham conhecimentos básicos acerca do desempenho humano e de fatores reconhecidos como capazes de aumentar a probabilidade de erros, como: excesso de confiança na memória, interrupções (no trabalho), pressões, fadiga, coordenação inadequada entre trabalhadores, realização de atividades com as quais não está familiarizada, existência de ambigüidades em procedimentos altamente rotineiros. Conhecer esses fatores poderia ajudar no reconhecimento de sinais de perigos constituindo habilidade de autoproteção (Oliveira, 2003).

Além disso, entre os novos caminhos apontados para a Gestão de Segurança e Saúde no Trabalho, com ênfase da dimensão humana, destacam-se: estruturação de sistemas de aprendizado organizacional; estudo das estratégias de ajustes e regulações usadas no trabalho sem acidentes; deixar aos operadores o controle da situação e dos riscos a correr; favorecer a visibilidade de suas próprias ações e das do sistema; não privar os operadores de suas defesas naturais e não contrariá-las; aprimorar antecipação de problemas; desenvolver clima de confiança que favoreça relações de solidariedade; valorizar espaços de discussão de conflitos; estudar características de organizações que, lidando com tecnologias de alto risco conseguem bons desempenhos de segurança (Almeida e Binder, 2004).

No Brasil e no mundo há um predomínio que a compreensão de acidente de trabalho é um evento simples, com origens em uma ou poucas causas, encadeadas de um modo linear e determinístico. Sua abordagem privilegia a idéia de que os acidentes decorrem de falhas dos operadores (ações ou omissões), de intervenções em que ocorre desrespeito à norma ou prescrição de segurança, enfim “atos inseguros” originados por características psicológicas dos trabalhadores. Os comportamentos são considerados como frutos de escolhas livres e conscientes por parte dos operadores, ensejando a responsabilidade do indivíduo. A dimensão coletiva aparece associada com a noção de cultura de segurança, compreendida como soma dos comportamentos dos indivíduos (Vilela *et al.*, 2004).

O erro é um dos sinais que orienta a compreensão da equipe acerca do que está ocorrendo, do controle ou não da atividade, em cada momento. De acordo com esse enfoque, sua ocorrência revela que a representação mental da atividade tanto dos objetivos (o que fazer), seja do como fazer, não está em consonância com a realidade. No entanto, os procedimentos usados para elaborar e atualizar esse modelo mental, enfim, o próprio modelo adotado, foram exatamente os mesmos usados nas situações sem acidente. Essa forma de pensar o trabalho leva a compreender o acidente como indicador da ruptura da compreensão da atividade, do compromisso cognitivo usado pelos operadores na gestão da atividade. No entanto, embora o acidente nos mostre o momento em que ocorre a ruptura, ele não nos permite compreender em que consiste esse compromisso. Para desvendá-lo, torna-se necessária à realização de análises complementares, entre elas, a da própria atividade (Almeida *et al.*, 2000a).

A lógica dominante, difundida pelos órgãos oficiais e patronais, atribui a determinação dos acidentes de trabalho a características pessoais que levam ao ato, ou condição insegura, ou seja, impõe culpabilidade à vítima do acidente. Esta concepção tem atrasado o avanço do conhecimento dos fatores envolvidos na gênese do problema (Mendes, 1996).

Os achados apresentados neste trabalho mostram que provavelmente os acidentes não são decorrentes do acaso, existindo fatores específicos na sua determinação, ou seja, estes estão associados à exposição a certas cargas de trabalho. Esta concepção se contrapõe a teoria dos atos inseguros decorrentes das características individuais do trabalhador.

### **6.3.3. Azar do funcionário**

Muitos adolescentes atribuíram o fato da ocorrência do acidente de trabalho ao “azar do funcionário” (13%), isto é, ilusão do controle do destino. Nestes casos, as pessoas têm a ilusão que é opção da pessoa escolher aquilo que acredita ser correto ou errado. Dessa forma, muitos acidentes ocorrem, já que os trabalhadores optaram pela escolha “incorreta”. Sob uma perspectiva diferente, os acidentes ocorridos devido ao “azar do funcionário” são também visto como causas de “forças supernaturais”. Ou seja, a crença de que “coisas ruins” acontecem às pessoas más (Reason *et al.*, 2000). Um estudo feito em Hong Kong (Cheng, 1997) mostrou que os trabalhadores de uma indústria atribuíram como causa dos acidentes de trabalho “forças super naturais”, ou destino. Muitos trabalhadores acreditam em crenças em que se o indivíduo fizer algo incorreto, os “deuses” irão puni-lo. Kouabenan (1998) realizou uma pesquisa com diversos grupos de pessoas, em diversas situações (motoristas de ônibus, estudantes universitários, etc...). Neste estudo, foi verificado que as crenças e as práticas sociais (religião, sacrifícios, mitos, etc...) influenciam a percepção que as pessoas tem em relação ao risco, assim como a causa que pode levar ao acidente. Tais interpretações são resultado de más orientações nos ambientes de trabalho, e muitas vezes, impossibilitam ao trabalhador enxergar o acidente sob outras perspectivas. Além disso, sob tal perspectiva de que as pessoas não têm controle sobre o seu destino, os trabalhadores não elaboram métodos de prevenção (Cheng, 1997).



#### **6.3.4. Percepção de acidentes de trabalho – Falta de treinamento de trabalho**

Entre os adolescentes estudados, 6,5% atribuíram a ocorrência dos acidentes à falta de treinamento no trabalho. Na indústria, na maioria dos casos, os jovens trabalhadores são ensinados por empregados mais experientes, e depois de um período de observação, com duração variável, são colocados na produção. Muitos adolescentes consideram treinamento de trabalho esse período decorrido até a aquisição de prática para exercerem com desenvoltura e habilidade a tarefa pela qual são responsáveis (Martins, 2001). Além disso, na maioria das vezes, os adolescentes executam tarefas que, à primeira vista, poderiam parecer simples e não necessitariam de treinamento intensivo para serem levados a cabo. Esses fatos acabam favorecendo a ocorrência dos acidentes de trabalho. Isso ocorre já que nem sempre a qualificação é o objetivo principal dos investimentos feitos, com as empresas preferindo concentrar esforços nos programas comportamentais ou motivacionais (Martins, 2001).

Wegman e Davis (1997) realizaram uma pesquisa nos Estados Unidos e constataram que 54% dos adolescentes acidentados nunca participaram de um nenhum tipo de treinamento sobre como se prevenir dos acidentes de trabalho. Naquele estudo apenas metade dos adolescentes trabalhadores recebeu alguma orientação com esse propósito.

Adicionalmente, a falta de supervisão deve ser encarada com um fator de risco no ambiente de trabalho. No estudo realizado por Wegman e Davis (1997) aproximadamente um quarto dos adolescentes acidentados se encontravam sem supervisão no momento do acidente. Outros estudos mostram que é comum encontrar jovens trabalhando sem supervisão e sozinhos. Normalmente somente 12% da jornada de trabalho passam ao lado um supervisor (Runyan e Zakocs; 2000).

Os adolescentes **sem** experiência no mercado de trabalho relataram que os acidentes de trabalho ocorrem devido ao: descuido do funcionário (59,1%) e irresponsabilidade do patrão (22,7%). Observa-se que a frequência de resposta é maior à idéia central “descuido do funcionário”, e é maior entre os adolescentes sem experiência no mercado de trabalho.

Neste estudo foi observado que os adolescentes, trabalhadores e desempregados possuem formas de proteção inadequadas, muitas vezes ensinadas pelos empregados mais experientes, familiares e pela experiência de vida. Entre os adolescentes com experiência

no mercado de trabalho 27,8% relataram que para evitar que ocorram acidentes de trabalho, “prestam atenção no seu trabalho”.

### **6.3.5. Equipamentos de segurança**

Relataram fazer uso de equipamentos de segurança 13,9% dos adolescentes. Entretanto, esse discurso foi observado apenas entre os adolescentes que trabalham com computadores, como os operadores de telemarketing, digitadores e técnicos de computadores. Os demais adolescentes não relataram utilizar nenhum tipo de equipamento de proteção, mesmo exercendo atividades laborativas com riscos, como o caso do cozinheiro, ajudante geral, domésticas e auxiliar de consultório odontológico. A presença de equipamento de proteção individual não necessariamente previne a ocorrência de acidentes de trabalho. Os locais de trabalho onde é necessário utilizar equipamentos de proteção são geralmente aqueles mais perigosos. Sabe-se que os adolescentes são mais susceptíveis aos acidentes de trabalho do que os adultos já que somada à falta de experiência laborativa, os equipamentos de segurança são para uso em adultos, que tem distintas medidas antropométricas do que adolescentes (Cooper *et al.*, 1999).

Segundo Lima e Assunção (2000) a prevenção encontra-se assim, diante de um paradoxo: os “acidentes normais”, ou tipo 1 (Monteau, 1992) reduzem a prática de segurança a uma ação meramente corretiva; só analisamos e agimos após o fato ocorrido. Dessa forma, pode-se falar de prevenção se é necessário esperar que certos tipos de acidentes ocorram para somente então admitir sua possibilidade? Caso a resposta seja afirmativa, estes autores observam ser necessário reconhecer que *“a casualidade passa uma rasteira na causalidade”* e voltamos às explicações dos acidentes como fatalidade, a fortuna contra a qual os homens nada podem fazer. Na prática, os acidentes que continuam ocorrendo apesar dos programas de prevenção são considerados como decorrentes da fatalidade, de eventos fortuitos imprevistos e imprevisíveis. No entanto, é bem possível que tal como em uma crônica de uma morte anunciada, eles tenham se manifestado através de sinais aos quais não foi atribuída nenhuma importância (Lima e Assunção, 2000).

### **6.3.6. Nunca pensou no assunto**

Neste estudo, em todas as questões foi alta a prevalência de adolescentes que relataram “nunca ter pensado no assunto”. Isso pode ser explicado já que grande parte dos adolescentes não tem treinamento de trabalho. Além disso, esse assunto é pouco ou nada discutido nas escolas e, provavelmente em casa. Dessa forma, a troca de experiências é feita com os colegas de trabalho e colegas da escola.

Um outro motivo são as atividades geridas por automatismos. Isso porque, existe uma dimensão invisível da atividade para referir-se às intenções e também ao fato de que determinadas competências podem ser adquiridas sem que se saiba verbalizar acerca desse saber. A tendência do ser humano é automatizar aquilo que faz, o que implica em retirar a atenção dessas práticas. Dessa forma, atividades que se tornaram automáticas pelos adolescentes não precisariam ser repensadas. Esse tipo de comportamento, também influenciaria a representação quanto ao “prestar atenção nas tarefas” para se proteger dos acidentes de trabalho. Entretanto, a questão do “automatismo” não foi explorada neste estudo. Neste estudo, é pressuposto que as atividades dos adolescentes são conscientes e podem ser verbalizadas.

### **6.3.7. Gerenciamento do risco e promoção da saúde**

Muitas são as discussões que dizem respeito à falta de escolarização dos trabalhadores reforçando a manutenção das precárias condições de trabalho. Estudos mostram que a segurança no trabalho não depende apenas de uma boa escolarização. Na maioria dos casos, há uma falta do gerenciamento dos riscos nos locais de trabalho (realizados pelos supervisores, coordenadores), que estão fora do controle dos adolescentes (Rasmussen, 1997).

Vários níveis de políticos, gerentes, supervisores, entre outros, estão envolvidos no controle da segurança por meio de leis, regras e instruções. É por meio destas leis, regras e instruções, que ocorre parte do controle de alguns riscos e do trabalho em si. Gerentes e supervisores buscam motivar seus funcionários e operários, através da educação, treinamento ou “controlando” seus comportamentos através das regras, equipamentos de segurança, aumentando assim, a segurança das suas tarefas. O gerenciamento dos riscos deve principalmente visar estratégias de controle (desses riscos), estabilidade dos sistemas e

antecipar distúrbios (Rasmussen, 1997). No gerenciamento e avaliação dos riscos é importante levar em consideração julgamentos subjetivos, tanto por parte dos trabalhadores, como por parte dos empregadores. Por exemplo, julgamentos de culpa são predominantes; esforços sobre o gerenciamento dos riscos são importantes e devem ser implementados (Kouabenan, 1998).

A tecnologia anda a passos muito mais largos do que o gerenciamento dos riscos, incluindo novas leis e regras. Atualmente as empresas vivem em ambientes extremamente competitivos e agressivos, que visam meios de sobrevivência e rápido retorno financeiro. Dessa forma, preocupações com o bem-estar, segurança e impacto ambiental ficam em segundo plano (Rasmussen, 1997).

Os resultados obtidos pela metodologia do Discurso do sujeito coletivo nos permitem compreender as representações sociais do objeto de estudo. Através das idéias centrais e dos discursos, foi possível apontar as percepções que os adolescentes possuem acerca de assuntos que irão enfrentar durante toda a sua vida laborativa. Os adolescentes (com e sem experiência laborativa) desconhecem os riscos presentes no ambiente de trabalho e os métodos de prevenção destes.

Os resultados também mostraram que muitos adolescentes são incorporados às funções subalternas na força de trabalho. Provavelmente, a esses trabalhadores dificilmente são dadas oportunidades de pensar e debater acerca das melhores estratégias, melhores ferramentas necessárias à realização das tarefas o que leva à precária condição de cidadania desses jovens. Programas de promoção da saúde nas empresas e na escola deveriam ser implementados. Nestes programas o foco principal seria o de controlar as falhas dos sistemas, deixando evidentes os limites e riscos no trabalho para que os trabalhadores possam desenvolver mecanismos de enfrentamento ao invés de imposições e regras que possam ser desobedecidas. Estudos sugerem que atividades de promoção da saúde no trabalho são eficientes no aumento da conscientização dos trabalhadores sobre riscos e benefícios com, por exemplo, campanhas que ilustram as conseqüências positivas e negativas de se estar engajado precocemente em atividades laborativas (Westaby e Lee, 2003; Simoyi *et al.*, 2001; Bolen *et al.*, 1999; Cortesi *et al.*, 2004).

Um exemplo são os temas transversais dos parâmetros curriculares nacionais. A finalidade dos “Temas Transversais” é fazer com que os alunos desenvolvam a capacidade

de posicionar-se diante das questões que interferem na vida coletiva, superar as diferenças e intervir de forma responsável. Assim, os temas eleitos (ética, trabalho e consumo, meio ambiente, saúde, orientação sexual e pluridade cultural), em seu conjunto, devem possibilitar uma visão ampla e consistente da realidade brasileira e sua inserção no mundo, além de desenvolver trabalhos educativos, que possibilitem uma participação social dos alunos (Ministério da Educação, 2005). Através desse trabalho, em especial com tema “trabalho e consumo” espera-se que os adolescentes se sintam mais bem preparados para o trabalho e conscientes dos seus riscos e direitos.

Os currículos das escolas deveriam conter uma disciplina específica, com conteúdo curricular dirigido à prevenção de acidentes, particularmente aos conhecimentos de riscos no trabalho à saúde. Deveria haver a participação de uma equipe multiprofissional, com a participação de médicos do trabalho e engenheiro de segurança, enfermeiros do trabalho, além de outros profissionais da saúde, e dos próprios professores que receberiam treinamento específico para discutir com alunos questões de saúde no trabalho. Estudo realizado em uma escola pública de São Paulo, revelou que muitos adolescentes apóiam a idéia da necessidade de um trabalho conjunto entre corpo docente e discente, a fim de alcançar melhorias que seriam do interesse de todos, como programas pedagógicos voltados para a formação profissional do jovem. (Oliveira, 1997, Oliveira *et al.*, 2003, Smith *et al.*, 2003).

Um livro chamado “O trampo, a saúde, o futuro... trabalho dos adolescentes, problemas e caminhos para uma vida melhor” a ser lançado brevemente é um primeiro passo no alcance destes objetivos, que visa, trazer mais saúde e segurança àqueles que ingressam precocemente no mundo do trabalho (Galasso, 2005).

## **7. Conclusão**

Os resultados mostraram que os adolescentes com experiência no mercado de trabalho são capazes de construir um discurso mais rico e robusto do que os adolescentes sem experiência no mercado de trabalho. Entretanto, os adolescentes dos dois grupos estudados mostraram ter pouco conhecimento sobre riscos ocupacionais e métodos de prevenção. A maioria indicou o “erro humano” para explicar a causa dos acidentes de

## 8. Referências Bibliográficas

1. Abreu SR. Crianças e adolescentes em situações de risco no Brasil. **Revista Brasileira de Psiquiatria** 2002; 24(1): 5-6.
2. Almeida IM, Binder MCP. Armadilhas cognitivas: o caso das omissões na gênese dos acidentes de trabalho. **Cadernos de Saúde Pública** 2004; 20(5): 1373-1378.
3. Almeida IM, Binder MCP e Fischer FM. Blaming the victim: aspects of the brazilian case. **International Journal of Health Services** 2000; 30(1): 71-85. (a)
4. Almeida, IM. Construindo a culpa e evitando a prevenção: caminhos da investigação de acidentes do trabalho em empresas e município de porte médio, Botucatu, São Paulo, 1997. São Paulo, 2000. [Tese de doutorado – Faculdade de Saúde Pública – Universidade de São Paulo]. (b)
5. Asmus CIRF, Barker SL, Meirelles Z. Programa de saúde do trabalhador adolescente: relato de experiência. In: Garbin AC, Santos SA, organizadoras. **O compromisso do SUS na erradicação do trabalho de crianças e controle do trabalho de adolescente**. São Paulo: Centro de Referência em Saúde do Trabalhador de São Paulo; 2004. p. 45-66 (a).
6. Asmus CIRF, Barker SL, Ruzany MH, Meirelles ZV. Riscos ocupacionais na infância e na adolescência: uma revisão. **Jornal da Pediatria** 1996; 72(4): 203-208.
7. Asmus CIRF, Ruzany MH, Barker SL e Meirelles Z. Riscos ocupacionais na infância e na adolescência: uma revisão. In: Garbin AC, Santos SA, organizadoras. **O compromisso do SUS na erradicação do trabalho de crianças e controle do trabalho de adolescente**. São Paulo: Centro de Referência em Saúde do Trabalhador de São Paulo editora; 2004. p. 67-80 (b).
8. Athias G. Mão-de-obra infantil é explorada no Pará. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 1998 nov 08; geral: 20-1.
9. Baker F, Green GM. Work, health, and productivity: overview. In: Green GM, Baker F, editors. **Work, health, and productivity**. New York: Oxford University Press; 1991. p. 3-29.
10. Bazas T, Maris A, Vatopoulos K. General secondary school students' occupational health knowledge. **Occupational Medicine** 2002; 52(6):361.

11. Bequele A, Myers W. **First things in child labor: eliminating work detrimental to children**. Geneva: International Labour office; 1995.
12. Binder MCP, Almeida IM. Estudo de dois acidentes do trabalho investigados com o método de árvore de causas. **Cadernos de Saúde Pública** 1997; 13(4): 749-760.
13. Binder MCP, Cordeiro R. Sub-registro de acidentes do trabalho em localidade do Estado de São Paulo, 1997. **Revista de Saúde Pública** 2003; 37(4): 409-416.
14. Bolen JC, Sacks JJ, Bland SD. Injury prevention behaviors: a report card for the nation, 1995. **Preventive Medicine** 1999; 29: 195-201.
15. Borges LO, Pinheiro JQ. Estratégias de coleta de dados com trabalhadores de baixa escolaridade. **Estudos de Psicologia** 2002; 7: 56-63.
16. Botti NCL. Oficinas em saúde mental. Ribeirão Preto; 2004. [Tese de Doutorado – Escola de enfermagem de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo].
17. Brasil. Direitos dos trabalhadores urbanos e rurais, além de outros que visem à melhoria de sua condição social. Título II, Capítulo II, Artigo 7<sup>a</sup>. **Constituição da República Federativa do Brasil**. [online]. 4<sup>a</sup> ed. Brasília: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; 1988. Disponível em: <URL:[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm)> [2005 mar 6].
18. Brasil. Decreto lei n. 5452, de 1 de maio de 1943. Título III. Capítulo IV. Estabelece normas especiais de proteção do trabalho do menor. **Consolidação das leis de trabalho** [online]. Rio de Janeiro; 1943. Disponível em <URL:<http://www.mte.gov.br/Trabalhador/CLT/default.asp>> [2005 fev 12].
19. Buss PM. Promoção da saúde e qualidade de vida. **Ciência e Saúde Coletiva** 2000; 5(1): 163-177.
20. Candeias NMF, Marcondes RS. Diagnóstico em educação em saúde: um modelo para analisar as relações entre atitudes e práticas na área da saúde pública. **Revista de Saúde Pública** 1979; 13: 63-68.
21. Carskadon MA. Patterns of sleep and sleepiness in adolescents. **Pediatrician** 1990; 17: 5-12.
22. Cheng YH. Explaining disablement in modern times: hand-injured workers' accounts of their injuries in Hong Kong. **Social Science & Medicine** 1997; 45(5): 739-750.

23. Conceição PSA, Nascimento IBO, Oliveira PS, Cerqueira MRM. Acidentes de trabalho atendidos em serviço de emergência. **Cadernos de Saúde Pública** 2003; 19(1): 111-117.
24. Cooper SP, Bureau KD, Robison TB, Richardson S, Schnitzer PG, Fraser JJ. Adolescents occupational injuries: Texas, 1990-1996. **American Journal of Industrial Medicine** 1999; 35: 43-50.
25. Cortesi F, Giannotti F, Sebastiani T, Bruni O, Ottaviano S. Knowledge of sleep in Italian high school students: pilot-test of a school-based sleep educational program. **Journal of Adolescent Health** 2004; 34: 344-351.
26. Dunn KA, Runyan CW, Cohen LR, Schulman MD. Teens at work: a statewide study of jobs hazards and injuries. **Journal of Adolescent Health** 1998; 22: 19-25.
27. Elias MJ, Weissberg RP. Primary prevention: educational approaches to enhance social and emotional learning. **Journal of School Health** 2000; 70 (5): 186-190.
28. Fehlberg MF, Santos I, Tomasi E. Prevalência e fatores associados a acidentes de trabalho em zona rural. **Rev. de Saúde Pública** 2001; 35(3): 269-275.
29. Fischer FM, Oliveira DC, Nagai R, Teixeira LR, Lombardi-Júnior M, Latorre MRDO e Cooper SP. Job control, job demands, social support at work and health among adolescents workers. **Rev. Saúde Pública**. 2005. 39: 245-253.
30. Fischer FM, Martins IS, Oliveira DC, Teixeira LR, Latorre MRDO, Cooper SP. Occupational accidents among middle and high school students of the state of São Paulo, Brazil. **Rev. Saúde Pública** 2003; 37(3): 351-356 (a).
31. Fischer FM, Oliveira DC, Teixeira LR, Teixeira MCTV, Amaral MA. Efeitos do trabalho sobre a saúde de adolescentes. **Ciência & Saúde Coletiva** 2003; 8(4): 973-984 (b).
32. Fischer FM, Oliveira DC, Nagai R, Teixeira LR, Lombardi-Jr M, Latorre MRDO. Relatório final do projeto: condições de vida e saúde de adolescentes estudantes de escola pública no município de São Paulo, SP. Volume I. São Paulo, 2002.
33. Fitzgerald ST, Laidlaw AD. Adolescents and work: risks and benefits of teenage employment. **Journal of the American Association of Occupational Health Nurses** 1995; 43(4): 185-189.



34. Forastieri V. **Children at work: Health and safety risks**. Geneva: International Labour Office; 1997.
35. Fundação Abrinq. **Programa empresa amiga da criança** [online]; 1995. Disponível em <URL: [http://www.fundabrinq.org.br/index.php?pg=peac&peac=principal&dr\\_menu=principal](http://www.fundabrinq.org.br/index.php?pg=peac&peac=principal&dr_menu=principal)> [2005 mar 6].
36. Galasso L. **O Trampo, a saúde, o futuro... trabalho dos adolescentes, problemas e caminhos para uma vida melhor**. Coordenação Frida Marina Fischer. Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. Departamento de Saúde Ambiental. 2005. (in press).
37. Garbin AC, Santos SA, Carmo JC. Caracterização da situação estadual do trabalho de crianças e adolescentes no estado de São Paulo. In: Garbin AC, Santos SA, organizadoras. **O compromisso do SUS na erradicação do trabalho de crianças e controle do trabalho de adolescente**. São Paulo: Centro de Referência em Saúde do Trabalhador de São Paulo; 2004. p.13-44.
38. Gravina MER. Bancários com LER (Lesões por Esforços Repetitivos) e sua reabilitação profissional: possibilidades e limites no retorno ao trabalho. São Paulo; 2003 [Tese de doutorado – Faculdade de Saúde Pública – Universidade de São Paulo].
39. Jodelet D. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: UERJ; 2001.
40. Julião FC. Água para o consumo humano e saúde: ainda uma iniquidade em área periférica do município de Ribeirão Preto, SP. Ribeirão Preto; 2003. [Dissertação de mestrado – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo].
41. Kouabenan DR. Beliefs and the perception of risks and accidents. **Risk Analysis**. 1998. 18(3): 243-252.
42. Lefèvre F, Lefèvre AMC. **O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: EDUCS; 2003.
43. Lefèvre F, Lefèvre AMC, Teixeira JJV. **O discurso do sujeito coletivo: uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa**. Caxias do Sul: EDUCS; 2000.
44. Leger LG. The opportunities and effectiveness of the health promoting primary school in improving child health – a review of the claims and evidence. **Health Education Research** 1999; 14(1): 51-69.

45. Lima FPA e Assunção AA. **Para uma nova abordagem da segurança no trabalho.** Análise dos acidentes: cia de ações de especiais. Belo Horizonte, Laboratório de Ergonomia DEP/UFMG, 2000.
46. Martins HHTS. O processo de reestruturação produtiva e o jovem trabalhador: conhecimento e participação. **Tempo Social – Revista Sociológica USP** 2001; 13(2): 61-87.
47. Mbakaya CFL, Onyoyo HA, Lwaki SA, Omondi OJ. A survey on management perspectives of the state of workplace health and safety practices in Kenys. **Accident Analysis and Prevention** 1999; 31: 305-312.
48. Mechanic D. Issues in promoting health. **Social Science Medicine** 1999; 48: 711-718.
49. Mendes R. **Patologia do trabalho.** São Paulo: Atheneu; 1996.
50. Mielnik I. O adolescente, a escola e o trabalho. **Pediatria Moderna** 1987; 22(8): 278-291.
51. Minayo-Gomez C e Meirelles ZV. Crianças e adolescentes trabalhadores: um compromisso para a saúde coletiva. **Cadernos de Saúde Pública** 1997; 13(2): 135-140.
52. Minayo MCS. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 7ª ed. Rio de Janeiro. ABRASCO; 2000.
53. Ministério da Educação. **Participantes do Enem apresentam desempenho regular.** [online]. Brasília: INEP; 2004. Disponível em <URL:[http://www.inep.gov.br/imprensa/noticias/enem/news04\\_24.htm](http://www.inep.gov.br/imprensa/noticias/enem/news04_24.htm)> [2005 fev 21].
54. Ministério da Educação. **Sumário executivo: primeiros resultados do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) 2003.** Brasília: Instituto de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira; 2003.
55. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: Trabalho infantil 2001** [online]. Rio de Janeiro: IBGE; 2003. Disponível em <URL:<http://www.ibge.gov.br>> [2005 fev 25].
56. Ministério do Trabalho e Emprego. **Mapa de indicadores do trabalho da criança e do adolescentes: 2000.** Brasília: MTE/ Secretaria de Inspeção do Trabalho; 2001.
57. Moreira ASP, Oliveira DC. **Estudos interdisciplinares de representação social.** Goiânia: Cultura e Qualidade; 1998.

58. Nath SR, Hadi A. Role of education in reducing child labour: evidence from rural Bangladesh. **Journal of Biosciences**. 2000; 32: 303-13.
59. National Institute for Occupational Safety and Health – NIOSH. **Child labor research needs: Recommendations from NIOSH child labor working team**. Cincinnati: US Department of Health and Human Services; 1997. (DHHS-NIOSH publication N° 97-143).
60. Oliveira BRG, Robazzi MLCC. O trabalho na vida dos adolescentes: alguns fatores determinantes para o trabalho precoce. **Revista Latino Americana de Enfermagem** 2001; 9(3): 83-89.
61. Oliveira JC. Segurança e saúde no trabalho: uma questão mal compreendida. **São Paulo em Perspectiva**. 2003.17(2): 3-12.
62. Oliveira DC, Fischer FM, Teixeira MCTV, Amaral MA. A escola e o trabalho entre adolescentes do ensino médio da cidade de São Paulo: uma análise de representações sociais. **Psicologia: teoria e prática** 2003; 5(1): 27-39.
63. Oliveira DC. Relatório parcial do subprojeto 3: representações sociais e riscos psicossociais do trabalho entre estudantes na cidade de São Paulo. São Paulo, 2002.
64. Oliveira F. **A construção social dos discursos sobre acidente de trabalho**. São Paulo; 1997. [Dissertação de Mestrado – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo].
65. Organização Internacional do Trabalho – OIT. **Boas práticas de combate ao trabalho infantil: os 10 anos do Ipec no Brasil**. Brasília: OIT; 2003.
66. Organização Mundial da Saúde. **Health Promotion Glossary**. Geneva. 1998. 36pp.
67. Organização Panamericana de Saúde - OPAS. Programa de saúde materno-infantil. **O marco conceptual da saúde integral do adolescente e de seu cuidado**. OPAS; 1990.
68. Palha PF. Vivências do cotidiano: a promoção da saúde como um exercício de cidadania no programa de integração comunitária da vila Tibério – Ribeirão Preto, SP. Ribeirão Preto; 2001. [Tese de Doutorado – Faculdade de Enfermagem de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo].
69. Pan American Health Organization - PAHO. **Youth: choices and change – promoting healthy behaviors in adolescents**. Washington: PAHO; 2005.
70. Parker D. Health effects of child labour. **The Lancet** 1997; 35: 1395-6.

71. Pereira IMTB, Penteado RZ, Marcelo VC. Promoção da saúde e educação em saúde: uma parceria saudável. **O mundo da saúde** 2000; 24(1): 39-44.
72. Prefeitura de São Paulo. **Programas Sociais: Bolsa Trabalho Renda**. [online]. São Paulo. Disponível em <URL:http://portal.prefeitura.sp.gov.br/secretarias/trabalho/programasociais/0004> [2005 fev 22].
73. Rasmussen J. Risk management in a dynamic society: a modeling problem. **Safety Science**. 1997. 27 (2/3): 183-213.
74. Reason JT, Carthey J e Leval MR. Diagnosing “vulnerable system syndrome”: an essential prerequisite to effective risk management. **Qual. Health Care**. 2001. 10: 21-25.
75. Reason J. Human error: models and management. **BMJ**. 2000. 320: 768-770.
76. Richter ED, Jacobs J. Work injuries and exposures in children and young adults: Review and recommendations for action. **American journal industrial medicine**; 1991; 19: 747-69.
77. Robazzi MLCC, Cano MAT, Fávero M. O trabalho da criança e do adolescente no Brasil: acidentes ocupacionais e programas de prevenção existentes. **Revista Brasileira de Saúde Escolar** 1996; 4(1/2): 57-9.
78. Roberts RE, Roberts CR, Chen R. Suicidal thinking among adolescents with a history of attempted suicide. **Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry** 1998; 37: 1294-1300.
79. Runyan CW e Zakocs RC. Epidemiology and prevention of injuries among adolescent workers in the United States. **Annual review of public health** 2000; 21: 247-269.
80. Sá, C. P. **Núcleo Central das Representações Sociais**. Rio de Janeiro:UERJ, 1998.
81. Santana S, Maia AP, Carvalho C, Luz Glaura. Acidentes de trabalho não fatais: diferenças de gênero e tipo de contrato de trabalho. **Cadernos de Saúde Pública** 2003; 19(2): 481-493 (a).
82. Santana V, Itaparica M, Amorim AM, Araújo-Filho JB, Araújo G, Oliveira M, Cooper SP. Acidentes de trabalho não fatais em adolescentes. **Revista de Saúde Pública** 2003; 19(2): 407-420. (b)

83. Santana WS, Amorim AM, Oliveira R, Xavier S, Iriat J, Belitardo L. Emprego em serviços domésticos e acidentes de trabalho não fatais. **Revista de Saúde Pública** 2003; 37(1): 65-74. (c)
84. Santana VS, Oliveira RP. Saúde e trabalho na construção civil em uma área urbana do Brasil. **Cadernos de Saúde Pública** 2004; 20(3): 797-811.
85. Sarti CA. As crianças, os jovens e o trabalho. In: Westphal M, organizadora. **O compromisso da saúde no campo do trabalho infanto-juvenil: Proposta de atuação**. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública – USP; 1999. p. 39-43.
86. Shanahan MJ, Elder-Junior GH, Burchinal M, Conger RD. Adolescent paid labor and relationship with parents: early work-family linkages. **Child Development** 1996; 67: 2183-2200.
87. Silveira RCP. **As crianças e adolescentes acidentados no trabalho e atendidos em uma unidade distrital de saúde em Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto; 2003. [Dissertação de Mestrado – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo].
88. Simoyi P, Frederick L, Niezen C. Teenagers' Experience with occupational health and safety issues in West Virginia. **Human and Ecological Risk Assessment** 2001; 7(7): 1945-1956.
89. Smith PK, Singer M, Hoel H, Cooper CL. Victimization in the school and the workplace: are there any links? **British Journal of Psychology** 2003; 94:175-188.
90. Teixeira LR, Fischer FM, Andrade MMM, Louzada FM, Nagai, R. Sleep Patterns of Day-Working, Evening High-Schooled Adolescents of São Paulo, Brazil. **Chronobiology International** 2004; 21(2): 239-252.
91. Thiollent M. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. São Paulo: Polis, 1987.
92. Trindade LL. Representações sociais sobre Programas de Saúde dos trabalhadores em gráficas no Município de São Paulo. São Paulo; 2003. [Dissertação de mestrado – Faculdade de Saúde Pública – Universidade de São Paulo].
93. UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância. **Pesquisa a voz dos adolescentes**. Brasil: UNICEF/Fator OM; 2002.

94. Vieira N. **Jovens brasileiros: o conflito entre o estudo e o trabalho e a crise de desemprego**. São Paulo; 2001. [Tese de Doutorado – Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” – Universidade de São Paulo].
95. Vilela RAG, Iguti AM, Almeida IM. Culpa da vítima: um modelo para perpetuar a impunidade nos acidentes do trabalho. **Cadernos de Saúde Pública** 2004; 20(2): 570-579.
96. Wegman DH, Davis LK.. Protecting youth at work. **American Journal of Industrial Medicine** 1999; 36(5): 579-83
97. Weller NF, Cooper SP, Tortolero SR, Kelder SH, Hassan S. Work-related injury among south Texas middle school students: prevalence and patterns. **Southern Medical Journal** 2003; 96(12): 1213-1220.
98. Westaby JD, Lee BC. Antecedents of injury among youth in agricultural settings: a longitudinal examination of safety consciousness, dangerous risk taking, and safety knowledge. **Journal Safety Research** 2003; 34(3):227-40.
99. Woods DD e Cook RI. Nine steps to move forward from error. **Cognition, Technology & Work**. 2002. 4: 137-144.

**ANEXO 1**  
**Termo de consentimento livre e esclarecido**

Eu, \_\_\_\_\_, declaro que concordo em participar, voluntariamente, de pesquisa científica intitulada "Avaliação da percepção dos riscos no trabalho de estudantes do período noturno de uma escola pública no município de São Paulo", que vem sendo realizada sob responsabilidade De Roberta Nagai. Este projeto tem por objetivos aprofundar os conhecimentos acerca dos riscos a que os adolescentes trabalhadores estão expostos.

Os procedimentos da pesquisa não apresentam risco de ocorrência de dano físico ou moral para os participantes.

Garantimos que qualquer pergunta ou esclarecimento a qualquer dúvida acerca dos procedimentos, riscos e benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa serão dados pelos pesquisadores de campo ou pela coordenação do projeto.

Estou ciente de que os resultados são confidenciais e que serão utilizados unicamente para fins de pesquisa. Autorizo a divulgação do resultado em grupo e o resultado individual somente para minha pessoa.

Posso a qualquer momento abandonar esta pesquisa, sem prejuízo pessoal.

Em caso de dúvida, entrar em contato com a pesquisadora no telefone 3066-7755/3066-7115 ou pelo e-mail magai@usp.br

\_\_\_\_\_  
assinatura do pesquisado

São Paulo, \_\_ de \_\_\_\_\_ de 200 \_.

## ANEXO 2

### Questionário de caracterização das condições de vida e trabalho dos adolescentes

N° do indivíduo				Série	

Gostaríamos de conhecer um pouquinho de você.

Nome Completo: \_\_\_\_\_

1. Data de nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Idade: | \_\_\_\_ | \_\_\_\_ | anos

2. Sexo:      1. Masculino  
              2. Feminino

3. Estado Marital:  1. Solteiro  
                          2. Vive com companheiro

4. Você tem filhos?:  
 0. Não  
 1. Sim    Quantos? \_\_\_\_\_

5. Quantas pessoas vivem na sua casa?  
\_\_\_\_\_ pessoas

Assinale abaixo quais pessoas moram na sua casa:

1.    Pai  
 2.    Mãe  
 3.    Avó  
 4.    Avô  
 5.    Irmã(ão)    Quantos? \_\_\_\_\_  
 88.   Outros        Quantos? \_\_\_\_\_

As perguntas agora são sobre alguns dos seus hábitos de vida.

6. Você fuma?

0.    Não  
 1.    Raramente  
 2.    Apenas nos fins de semana    Quantos cigarros? \_\_\_\_\_ por dia.  
 3.    Todos os dias                    Quantos cigarros? \_\_\_\_\_ por dia.

8. Você ingere bebida alcoólica?

1.    Nunca  
 2.    Raramente  
 3.    Um dia por semana  
 4.    De 2 a 3 vezes por semana  
 5.    Mais de 4 vezes por semana  
 6.    Todo dia ou quase todo dia



9- Quais dessas atividades físicas você pratica regularmente?

<input type="checkbox"/> 0.	Nenhuma	
<input type="checkbox"/> 1.	Futebol	___ dias por semana das _____ horas às _____ horas
<input type="checkbox"/> 2.	Vôlei	___ dias por semana das _____ horas às _____ horas
<input type="checkbox"/> 3.	Natação	___ dias por semana das _____ horas às _____ horas
<input type="checkbox"/> 4.	Ginástica	___ dias por semana das _____ horas às _____ horas
<input type="checkbox"/> 5.	Artes marciais	___ dias por semana das _____ horas às _____ horas
<input type="checkbox"/> 6.	Dança	___ dias por semana das _____ horas às _____ horas
<input type="checkbox"/> 88.	Outros. Qual (is)? _____ _____	___ dias por semana das _____ horas às _____ horas

10. O que você normalmente faz no seu tempo livre? Você pode assinalar mais de uma alternativa.

- |                                                    |                                                                   |
|----------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> 1. Assisto televisão      | <input type="checkbox"/> 6. Vou assistir jogos esportivos         |
| <input type="checkbox"/> 2. Vou ao cinema          | <input type="checkbox"/> 7. Namorar                               |
| <input type="checkbox"/> 3. Pratico esporte        | <input type="checkbox"/> 8. Leio revistas ou livros               |
| <input type="checkbox"/> 4. Converso com os amigos | <input type="checkbox"/> 88. Outra forma de lazer.<br>Qual? _____ |
| <input type="checkbox"/> 5. Vou às festas          |                                                                   |

**Agora, vamos falar um pouco sobre trabalho**

Observação: se você é responsável por realizar tarefas tanto na sua casa, como no trabalho do seu pai/mãe ou outros parentes, ou fazendo serviços para terceiros, considere esta atividade como uma forma de trabalho.

11. Você trabalha?       0. Não                       1. Sim                       2. Estou desempregado

*Obrigado por sua colaboração.*

Qualquer informação que deseje sobre este estudo, favor me telefonar (3066-7755 / 3066-7115) ou escrever para Profa. Frida Marina Fischer: Departamento de Saúde Ambiental da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo – Av. Dr. Arnaldo, 715 - 01246-904 - São Paulo - Capital.



10. Se você ajuda nas tarefas de casa, que tipo de atividade você realiza diariamente? Você pode assinalar mais de uma alternativa.

- |                                                                        |                                               |
|------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> 1. Cuida dos irmãos (ãs)                      | <input type="checkbox"/> 6. Lava a louça      |
| <input type="checkbox"/> 2. Cuida de familiares doentes ou mais velhos | <input type="checkbox"/> 7. Consertos de casa |
| <input type="checkbox"/> 3. Limpa a casa                               | <input type="checkbox"/> 8. Outra atividade.  |
| <input type="checkbox"/> 4. Lava e passa as roupas                     | Qual? _____                                   |
| <input type="checkbox"/> 5. Cozinha                                    |                                               |

11. Durante o seu dia de trabalho, você tem algum horário para descanso ou alimentação?

0. Não  1. Sim

12. Se sim. Qual é o seu horário de descanso ou alimentação?

das \_\_\_\_\_ horas às \_\_\_\_\_ horas e das \_\_\_\_\_ horas às \_\_\_\_\_ horas.

13. Assinale os dias da semana nos quais você trabalha e preencha ao lado os horários de trabalho:

- |                                                                                                     |                          |                          |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------|--------------------------|
| <input type="checkbox"/> 1. Segunda-feira                                                           | das _____ h. às _____ h. | das _____ h. às _____ h. |
| <input type="checkbox"/> 2. Terça-feira                                                             | das _____ h. às _____ h. | das _____ h. às _____ h. |
| <input type="checkbox"/> 3. Quarta-feira                                                            | das _____ h. às _____ h. | das _____ h. às _____ h. |
| <input type="checkbox"/> 4. Quinta-feira                                                            | das _____ h. às _____ h. | das _____ h. às _____ h. |
| <input type="checkbox"/> 5. Sexta-feira                                                             | das _____ h. às _____ h. | das _____ h. às _____ h. |
| <input type="checkbox"/> 6. Sábado                                                                  | das _____ h. às _____ h. | das _____ h. às _____ h. |
| <input type="checkbox"/> 7. Domingo                                                                 | das _____ h. às _____ h. | das _____ h. às _____ h. |
| <input type="checkbox"/> 88. Se você não trabalha todas as semanas, qual é seu esquema de trabalho? | _____                    |                          |

30. Para fazer o seu trabalho, você teve treinamento?

0. Não  1. Sim

37. Você já se machucou no trabalho?

0. Não  
 1. Sim, no meu trabalho atual  
 2. Sim, em um trabalho anterior ao atual

**Observação: Se você nunca se machucou enquanto trabalhava, ou é um não trabalhador, entregue o questionário ao revisor. Obrigado por sua colaboração.**

38. A que horas você começou a trabalhar no dia do acidente? \_\_\_\_\_ horas

39. A que horas ocorreu o acidente? \_\_\_\_\_ horas

40. Onde você estava na hora do acidente?

1. Estava no trabalho  
 2. Estava se dirigindo ou retornando do trabalho

41. Se você **não** estava no seu horário regular de trabalho, por que estava trabalhando? Você pode assinalar mais de uma alternativa.

- |                                                         |                                                          |
|---------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> 1. Fazendo hora extra          | <input type="checkbox"/> 4. Fazendo um bico              |
| <input type="checkbox"/> 2. Cobrindo falta de um colega | <input type="checkbox"/> 5. Precisava terminar o serviço |
| <input type="checkbox"/> 3. Ajudando um colega          |                                                          |

42. Qual foi o tipo de acidente? Você pode assinalar mais de uma alternativa.

- |                                                                                 |                                                           |
|---------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> 1. Atropelamento                                       | <input type="checkbox"/> 6. Ficou prensado                |
| <input type="checkbox"/> 2. Queda da pessoa                                     | <input type="checkbox"/> 7. Contato com substância quente |
| <input type="checkbox"/> 3. Atingido por um objeto em movimento                 | <input type="checkbox"/> 8. Choque elétrico               |
| <input type="checkbox"/> 4. Manipulação de ferramentas cortantes ou perfurantes | <input type="checkbox"/> 9. Transporte de equipamento     |
| <input type="checkbox"/> 5. Contato com superfície aquecida ou muito fria       | <input type="checkbox"/> 88. Outra. Especificar: _____    |

43. Que tipo de ferimentos você sofreu nesse acidente? Você pode assinalar mais de uma alternativa.

- |                                                                             |                                                  |
|-----------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> 1. Cortes superficiais                             | <input type="checkbox"/> 7. Pancada na cabeça    |
| <input type="checkbox"/> 2. Raladura                                        | <input type="checkbox"/> 8. Perda de consciência |
| <input type="checkbox"/> 3. Queimadura                                      | <input type="checkbox"/> 9. Fratura              |
| <input type="checkbox"/> 4. Perfuração                                      | <input type="checkbox"/> 10. Hematoma            |
| <input type="checkbox"/> 5. Estiramento/entorse de membros (braços, pernas) | <input type="checkbox"/> 11. Hemorragia          |
| <input type="checkbox"/> 6. Luxação de membros (braços, pernas ou costas)   | <input type="checkbox"/> 88. Outro. Qual: _____  |

44. Em qual região do corpo o ferimento ocorreu?

- |                                                   |                                             |
|---------------------------------------------------|---------------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> 1. Traumatismo de cabeça | <input type="checkbox"/> 5. Joelho e perna  |
| <input type="checkbox"/> 2. Ombro e braço         | <input type="checkbox"/> 6. Tornozelo e pés |
| <input type="checkbox"/> 3. Punho e mão           | <input type="checkbox"/> 7. _____ Outros.   |
| <input type="checkbox"/> 4. Quadril e coxa        | Qual: _____                                 |

45. Por quanto tempo você ficou machucado? \_\_\_\_\_ dias

46. Você foi trabalhar nesse período?

0. Não                       1. Sim

47. Você precisou receber atendimento médico/hospitalar?

0. Não                       1. Sim

48. Você continua sentindo alguma coisa após a ocorrência do acidente?

0. Não                       1. Sim

Se sim. Especificar: \_\_\_\_\_

49. O que você acha que causou o acidente?

\_\_\_\_\_

50. Você ficou com alguma seqüela causada pelo acidente?

- |                                                                              |
|------------------------------------------------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> 0. Não                                              |
| <input type="checkbox"/> 1. Sim, mas consigo trabalhar na mesma atividade    |
| <input type="checkbox"/> 2. Sim, mas só consigo trabalhar em outra atividade |
| <input type="checkbox"/> 3. Sim, mas não posso mais trabalhar.               |

51. Quais equipamentos de segurança você acha que são necessários para realizar as suas tarefas no trabalho?	Marque com um X quais desses você sempre utiliza?
θ 0. Nenhum	
θ 1. Capacete	
θ 2. Luva	
θ 3. Calçado de segurança	
θ 4. Óculos de segurança	
θ 5. Máscara	
θ 88. Outro. Qual?	

52. No momento do acidente, você utilizava esse equipamento de proteção?

0. Não                       1. Sim

53. Se **não**, por que você não utilizava equipamentos de proteção?

1. porque o equipamento não é a numeração que eu uso  
 2. porque eu não sei onde ele está  
 3. porque só o responsável tem acesso aos equipamentos  
 4. porque fica muito longe de mim  
 5. porque meus colegas de trabalho não utilizam  
 6. porque o equipamento está mal conservado  
 7. porque não tem equipamentos de segurança  
 8. porque eu não quero usar  
 88. outro. Qual? \_\_\_\_\_

54. Após a ocorrência do acidente de trabalho, houve alguma modificação no ambiente de trabalho?

- θ 0. Não houve nenhuma modificação  
θ 1. Modificaram os equipamentos de trabalho  
θ 2. Modificaram o local de trabalho  
θ 3. Compraram equipamentos de segurança adequados à minha função  
θ 4. Houve modificação na minha equipe de trabalho  
θ 88. Outros. Qual \_\_\_\_\_

*Obrigado por sua colaboração.*

Qualquer informação que deseje sobre este estudo, favor me telefonar (3066-7755 / 3066-7115) ou escrever para Profa. Frida Marina Fischer: Departamento de Saúde Ambiental da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo – Av. Dr. Arnaldo, 715 - 01246-904 - São Paulo - Capital.

## ANEXO 4

### ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Qual é o seu nome?
2. Qual é sua idade?
3. Que série você estuda?
4. Data da entrevista

#### PERGUNTAS CHAVE:

- QUAIS SÃO OS RISCOS PRESENTES NO SEU AMBIENTE DE TRABALHO (PARA OCORRÊNCIA DE ACIDENTES DE TRABALHO E DOENÇAS RELACIONADAS AO TRABALHO)?
  - O QUE VOCÊ FAZ PARA EVITAR ESSES RISCOS?
1. Atualmente onde você trabalha?
  2. O que você faz no seu trabalho?
  3. Quais são os seus equipamentos de trabalho?
  4. Você considera o uso desses equipamentos perigoso?
  5. Você utiliza algum equipamento de proteção individual?
  6. Quais equipamentos de proteção individual você utiliza?
  7. Quais equipamentos você acha importante utilizar?
  8. Você tem pausas durante o trabalho? Se sim, são suficientes?
  9. Você já assistiu algum curso ou palestra sobre prevenção de acidente de trabalho?
  10. Qual é sua opinião sobre a segurança no seu local de trabalho?
  11. Você acha o seu ambiente de trabalho um lugar seguro para trabalhar?
  12. O que você acha que deveria mudar no seu ambiente de trabalho para torna-lo mais seguro?
  13. Por que você acha que ocorrem acidentes de trabalho?
  14. O que você faz para evitar que aconteçam acidentes de trabalho?
  15. O que a empresa faz para evitar que aconteçam acidentes de trabalho?
  16. Como você se sente no final da sua jornada de trabalho?
  17. Você sente dores no corpo? Se sim, onde? Quando dói?
  18. Você dorme todos os dias o tempo que você gostaria?
  19. Sente medo no trabalho?
  20. Quais são as suas maiores preocupações e ansiedades durante o trabalho?